



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**CONCEPTUALIZAÇÕES DA VELHICE EM CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-  
PORTUGUESAS: UM ESTUDO À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA**

**CAROLINE DE SOUZA VIANA**

Salvador

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Souza Viana, Caroline  
CONCEPTUALIZAÇÕES DA VELHICE EM CANTIGAS MEDIEVAIS  
GALEGO-PORTUGUESAS: UM ESTUDO À LUZ DA SEMÂNTICA  
COGNITIVA / Caroline de Souza Viana. -- Salvador,  
2016.  
107 f.

Orientadora: Aurelina Ariadne Domingues Almeida.  
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Língua e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto  
de Letras da UFBA, 2016.

1. Semântica Cognitiva. 2. Linguística Histórica. 3.  
Conceptualizações. 4. Cantigas Satíricas. 5. Velhice.  
I. Domingues Almeida, Aurelina Ariadne. II. Título.

**CAROLINE DE SOUZA VIANA**

**CONCEPTUALIZAÇÕES DA VELHICE EM CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-  
PORTUGUESAS: UM ESTUDO À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aurelina Ariadne Domingues Almeida.

Salvador

2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

CAROLINE DE SOUZA VIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

### **CONCEPTUALIZAÇÕES DA VELHICE EM CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESAS: UM ESTUDO À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA**

#### **BANCA EXAMINADORA**

1. \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. AURELINA ARIADNE DOMINGUES ALMEIDA  
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia — Orientador
2. \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. JULIANA SOLEDADE BARBOSA COELHO  
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia — Examinador Interno
3. \_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. ELISÂNGELA SANTANA DOS SANTOS  
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) — Examinador Externo

Salvador, 31 de janeiro de 2018.

*À minha Mãe primeira, por todo o amor e proteção.*

*“Madre, per bõa fé, leda m'and'eu”.*

**(Nuno Fernandes Torneol)**

## AGRADECIMENTOS

Gratidão, o mais admirável dos sentimentos. Vocábulo que significa reconhecimento de uma pessoa por algo ou alguém que lhe prestou um benefício ou auxílio. Um estado de consciência que alcançamos quando compreendemos que qualquer caminho sinuoso, qualquer fardo pesado, qualquer mistério fantástico podem se tornar simples, leve e possível se há quem caminhe a seu lado. Como diz o provérbio africano: *se quer ir rápido, vá sozinho, se quer ir longe, vá acompanhado.*

Sempre há uma razão para ser grato, eu agora, particularmente, tenho muitas. Finalizar esse estudo me possibilitará seguir novos caminhos e almejar novos espaços. Faz-se necessário, então, agradecer a todos aqueles que tornaram esta realidade possível.

Agradeço à minha orientadora, professora A. Ariadne Domingues Almeida, por todo auxílio e direcionamento nesta caminhada. Gratidão por cada ensinamento, por sua paciência, por suas “abstrações”, por suas explicações e por sua capacidade de tornar o mundo da semântica cada vez mais interessante para mim. Agradeço, também, pela sua generosa confiança e por, em momento nenhum, duvidar da minha capacidade, até quando eu mesma duvidei.

Agradeço à professora Juliana Soledade por me reintroduzir no mundo da Linguística Histórica depois de eu ter me decepcionado com más experiências. Gratidão pela orientação no fim da minha graduação, por suas ideias e entusiasmo, e, por ter me apresentado à Semântica Cognitiva, a qual conseguiu responder muitos dos meus questionamentos e suscitar outros.

Agradeço à minha família que tanto amo. À minha mãe, por seu amor e encorajamentos constantes. À minha amada irmã, que acreditou muito em meu potencial e me empurrou para frente sempre que eu ousei querer retroceder, e, claro, por resolver todas as questões burocráticas relativas a este estudo quando eu vooi para outras terras. À minha prima Caliane, por ter me dado o melhor presente de todos, Ana Lys, que me encheu de alegria e vontade de ser cada vez melhor, por elas, e por mim. Aos meus tios Valdelice, Washington e Vando; aos meus avós

Lindaura e Edison e à minha amiga/irmã Suelane, por todo apoio e o amor que me dedicam.

Ao meu marido, Antônio Carlos, por seu amor e incentivo constante. Sou grata, sobretudo, pela família que ganhei. Agradeço aos meus sogros Débora e Wanderley, pela torcida contínua e por todo o apoio, nos estudos e na vida.

Às minhas amigas e companheiras de profissão, Máisa, Silvia, Ludquellen, Vanessa, Fernanda (e Juliana também, a mulher dos números), pelo incentivo acadêmico e pelo entusiasmo com as minhas conquistas.

Sou grata, por fim, a mim. Por não ter desistido, por ter continuado mesmo quando os problemas se fizeram muitos. Por ter desbravado os mistérios medievais e tentado alcançar sentidos longínquos, mesmo quando as agruras da vida pessoal ofuscaram meu interesse pela ciência da língua. As dores passam, mas os frutos do nosso trabalho e dedicação são eternos.

*Mas as palavras desvairam-se,  
porque mudam os tempos.*

**(A arte de trovar)**



## RESUMO

Este estudo tem como objetivo precípua verificar as conceptualizações da velhice em textos medievais galego-portugueses, desenvolvendo uma discussão teórica apoiada em pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva (SC), uma das vertentes da Linguística Cognitiva. Orientada pelos ideais de pesquisadores como: Lakoff (1987), Lakoff; Johnson(1980; 1999), Grady (1997), Johnson (2007; 1987) dentre outros. Utilizamos como *corpus* a base de dados do *Projeto Littera, edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português*, resultante do projeto coordenado pela professora doutora Graça Videira Lopes do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Buscamos observar a maneira pela qual a velhice humana era conceptualizada pelas pessoas na Idade Média em textos satíricos do século XIII, e, como essas metáforas conceptuais acerca da velhice eram expressas, ou não, nos textos analisados. O método utilizado para a análise dos resultados foi indutivo e pautado na hermenêutica. Partimos de dados particulares, suficientemente constatados e inferimos possibilidades de leituras, por vezes, corroboradas por Modelos Cognitivos Idealizados acessíveis, no próprio texto e em literaturas de diversas áreas do saber humano. Realizou-se uma revisão da literatura e da fundamentação teórica existente, que versam sobre algumas questões centrais, e, para tratar o *corpus* constituído, o método eleito por nós foi a pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo. Este estudo configura-se como pesquisa teórica, de natureza científica original.

**Palavras-chave:** Conceptualizações da velhice, metáforas, modelos cognitivos idealizados, português arcaico, Semântica Cognitiva.

## RESÚMEN

Este estudio tiene como objetivo principal verificar las conceptualizaciones de la vejez en textos medievales gallego-portugueses, desarrollando una discusión teórica apoyada en presupuestos teórico-metodológicos de la Semántica Cognitiva, una de las vertientes de la Lingüística Cognitiva. Orientada por los ideales de investigadores como: Lakoff (1987), Lakoff; Johnson(1980; 1999), Grady (1997), Johnson (2007; 1987) entre otros. Utilizamos como *corpus* la base de datos del *Projeto Littera, edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português*, resultante del proyecto coordinado por la profesora doctora Graça Videira Lopes, del Instituto de Estudios Medievales de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, de la Universidad Nueva de Lisboa. Buscamos observar la manera por la cual la vejez humana era conceptualizada por las personas en la Edad Media en textos satíricos del siglo XIII, y, como esas metáforas conceptuales a cerca de la vejez eran expresas, o no, en los textos analizados. El método utilizado para el análisis de los resultados fue inductivo y pautado en la hermenéutica. Partimos de datos particulares, suficientemente constatados y inferimos posibilidades de lecturas, por veces, corroboradas por Modelos Cognitivos Idealizados accesibles, en el propio texto y en literaturas de diversas áreas del saber humano. Se realizó una revisión de la literatura y de la fundamentación teórica existente, que versan sobre algunas cuestiones centrales, y, para tratar el *corpus* constituido, el método elegido por nosotros fue la búsqueda bibliográfica y de carácter cualitativo. Este estudio se configura como investigación teórica, de naturaleza científica original.

**Palabras clave:** Conceptualizaciones de la vejez, metáforas, modelos cognitivos idealizados, portugués arcaico, Semántica Cognitiva.

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Classificação dos esquemas imagéticos (Johnson, 1987)-----	28
<b>Figura 2</b> – Tipos de documentos do TMILG-----	41
<b>Tabela 1</b> – Número de ocorrências nas cantigas-----	43
<b>Tabela 2</b> – Caracterização das cantigas selecionadas-----	47
<b>Tabela 3</b> – Domínios Fontes e Domínios Alvos das metáforas encontradas-----	53
<b>Tabela 4</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Maria Leve, u se maenfestava</i> )---	54
<b>Tabela 5</b> – Relação velhice/feiura-----	60
<b>Tabela 6</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Orraca López vi doente um dia</i> )--	66
<b>Tabela 7</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Martim Alvelo,</i> )-----	73
<b>Tabela 8</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Covilheira velha, se vos fezesse</i> )	78
<b>Tabela 9</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Elvir', a capa velha dest'aqui,</i> )---	81
<b>Tabela 10</b> – Vocábulos relevantes para a análise ( <i>Ûa pergunta quer'a el-rei fazer</i> )--	83
<b>Tabela 11</b> – Comparativo do número de ocorrências de velho x velha-----	89
<b>Tabela 12</b> – Contextos da ocorrência de velha-----	89
<b>Tabela 13</b> – Contextos da ocorrência de velho-----	96

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> -----	07
<b>RESUMÉN</b> -----	08
<b>INTRODUÇÃO</b> -----	12
<b>1 EMBASAMENTO TEÓRICO: A LINGUÍSTICA COGNITIVA</b> -----	17
1.1 A Linguística Cognitiva-----	17
1.1.1 A Semântica Cognitiva-----	23
1.2 A Teoria da Metáfora Conceptual-----	24
1.3 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados-----	30
1.4 Algumas considerações sobre o estudo histórico-----	32
<b>2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA</b> -----	36
2.1 Semântico, Cognitivo e Histórico: um estudo de metáforas em corpus digital-----	38
2.1.1 Corpora da Base de dados <i>online</i> do Projeto Littera-----	41
2.2 Procedimentos de análise à luz da Semântica Cognitiva-----	45
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> -----	47
3.1 Uma ocorrência peculiar no corpus-----	50
3.2 As metáforas Conceptuais da velhice-----	52
3.2.1 VELHICE É PECADO-----	53
3.2.1.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PECADO-----	61
3.2.2 VELHICE É PERDIÇÃO-----	62
3.2.2.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PERDIÇÃO-----	63

3.2.3 VELHICE É DOENÇA-----	64
3.2.3.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É DOENÇA-----	70
3.2.4 VELHICE É ORGANISMO VIVO-----	71
3.2.4.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ORGANISMO VIVO-----	75
3.2.5 VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM-----	76
3.2.5.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM-----	79
3.2.6 VELHICE É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO-----	79
3.2.6.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO-----	84
3.2 Modelos Cognitivos Idealizados da velhice na Idade Média no <i>corpus</i> estudado--- -----	85
3.3 Velha e velho: questões de gênero-----	88
<b>4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES-----</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS-----</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é orientada pela literatura existente sobre Linguística Cognitiva (LC) e mais especificamente pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) esquematizada por Lakoff e Johnson, em 1980, e, posteriormente, discutida e revista por eles e por outros pesquisadores, tais como Grady (1997) e Kövecses (1999; 2005), dentre outros.

Nosso objetivo primeiro é verificar as conceptualizações da *velhice* em textos medievais galego-portugueses, desenvolvendo uma discussão teórica apoiada em pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva (SC), uma das vertentes da LC. Buscamos observar a maneira pela qual a *velhice* humana era conceptualizada pelo homem medieval e como essas metáforas conceptuais acerca da *velhice* eram expressas, ou não, nos textos analisados.

As investigações, nas ciências cognitivas, dentre elas, a SC, atuam para compreender os processos e produtos do pensamento humano e a conceptualização é um desses processos. É através dela (e de outros) que o ser humano compreende (conceptualiza), organiza (categoriza) e significa as coisas do mundo.

Tentar compreender o pensamento humano e como as informações sobre os conceitos são organizadas e apresentadas nos discursos é uma tarefa e tanto. Propor-se a fazê-lo, considerando um período recuado de uma língua, e, limitado temporalmente pela nossa compreensão de mundo atual, pode parecer uma tarefa hercúlea, mas não o é. Assumindo-se que o significado é uma construção social que está atrelada à cultura, à sociedade e ao conhecimento “enciclopédico” do falante e/ou do escrevente inserido, temporalmente, cabe-nos tentar acessar quais possíveis concepções da *velhice* circulavam na Península Ibérica, no século XIII, através de registros escritos e históricos, aceitando que toda e qualquer abordagem será, apenas, um recorte da realidade da época, um fragmento selecionado a partir da análise do semanticista e da sua perspectiva teórica.

O estudioso da Semântica busca a compreensão dos “significados”, suas teorias e processos. O semanticista cognitivo-histórico tem a tarefa de interar-se,

para além do seu *corpus*, da história e das diversas literaturas que retratem o período que estuda ou sobre o qual se debruça em diversas áreas do saber humano para ser capaz de identificar e analisar as possíveis conceptualizações que encontrar ou, ainda, fundamentá-las e compreendê-las.

Analisando as conceptualizações da *velhice* em textos atuais, observamos que há uma dualidade nas significações. Velho pode ser algo “clássico”, valioso ou raro, pode estar atrelado, da mesma maneira, à ideia de sabedoria, experiência e longevidade. Por outro lado, é associado, também, à má conservação, deterioração, má aparência e pouco valor, mesmo quando relativo a humanos.

O dicionário Aurélio (2004) traz como definição de velho “idoso, antigo, gasto pelo uso, veterano, desusado, obsoleto”. O Michäelis (2009), por sua parte, oferece as seguintes acepções:

1. adiantado em anos; de idade avançada; que atingiu a ancianidade,
2. Que não é novo; que existe há muito tempo; antigo ou que já tem muitos anos,
3. Avelhentado,
4. Que possui desde muito tempo certa qualidade,
5. Que dura há muito tempo,
6. Que data de épocas remotas.

Já o Aulete online (2004) traz mais acepções: “1. Que tem muita idade, idoso, 2. Que existe há muito tempo, 3. Muito gasto ou usado, 4. Ultrapassado, fora de moda; desatualizado, 5. Que é conhecido há muito tempo, 6. Pessoa idosa, 7. Fam. Pai, 8. Qualquer coisa antiga, ultrapassada, obsoleta”.

Embora os dicionários citados apresentem mais acepções negativas do que positivas, os sentidos positivos são encontradas em ditados populares como: *a velhice faz o homem prudente e mais sabe o diabo por ser velho que por ser diabo*<sup>1</sup>. Para fugir das atribuições negativas e seguindo a tendência atual do politicamente correto, palavras foram criadas para substituir ‘velho’ e ‘velhice’ se referindo a pessoas. Expressões como *idoso, vivido, melhor idade, maturidade, maior idade, futuridade, e terceira idade* são usadas em substituição a velho numa tentativa de qualificar positivamente essa fase. Natália Barbieri (2012), em seu texto *Velhice: melhor idade?*, faz uma breve análise sobre a adoção destes itens lexicais no

---

<sup>1</sup> Fonte: Google.com

ambiente hospitalar e em asilos. Após analisar as falas de profissionais de uma dada instituição, a autora constatou que

Permeavam esses dizeres um incômodo quando se dizia a palavra *velho*, como se ela depreciasse a pessoa, [...] Nessa mesma instituição, havia um texto exposto em um mural coletivo, onde eram listadas diversas diferenças entre o *idoso* e o *velho*, sendo o primeiro carregado de atribuições “positivas” e o segundo, de “negativas”. O discurso institucional influenciava, e talvez induzisse, essa necessidade de diferenciação, como se dessa forma compensatória pudesse expressar um maior apreço pelos moradores. (BARBIERI, 2012, p. 117).

Valeria de Oliveira (2012) da Universidade Federal Fluminense, em seu artigo *Um inimigo contemporâneo chamado velhice: análise do discurso metafórico*, traz dados que comprovam a conceptualização da *velhice* como algo ruim que se deve evitar a todo custo, um inimigo a ser combatido.

As imagens construídas em torno do envelhecimento, na atualidade, baseiam-se na associação da velhice com a decadência. [...] o envelhecimento é experienciado na sociedade contemporânea: como um inimigo em potencial. Esse adversário implacável suscita uma tentativa de ataque e defesa e de fazer o possível e o impossível para que esse inimigo se renda. Acredito que esse comportamento dentro da sociedade em relação à velhice seja um desencadeador da construção de esquemas imagéticos ou *gestalt* experienciais baseadas na experiência corporificada do ‘estar em guerra’. (OLIVEIRA, 2012, p 105).

Construções como **combater a velhice**, **vencer a velhice**, a *velhice* é um **massacre**, a *velhice* é uma **batalha**, **ataque contra a velhice**, **defesa contra a velhice** e outras encontradas pela autora corroboram o estado de guerra contra a *velhice* em que se encontra a sociedade atual.

Tendo como ponto de partida a compreensão das conceptualizações atuais da *velhice*, e, buscando saber como era esse fenômeno de envelhecer no período medieval da língua portuguesa, o problema norteador desta dissertação é: quais seriam as metáforas conceptuais que permeiam o processo de conceptualização da *velhice* no período arcaico da língua, especificamente, no *corpus* estudado?

As nossas hipóteses são: (1) há dualidade nas conceptualizações da *velhice* no período arcaico da língua; (2) devido à natureza do *corpus*, provavelmente, só



serão encontradas conceptualizações “negativas” ou jocosas; (3) os modelos cognitivos idealizados de *velhice* estão diretamente ligados a aspectos sociais, religiosos e culturais da época.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que utiliza o *corpus* da base de dados *on-line* do projeto *Littera*, edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português, sediado no Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A dissertação está organizada em quatro seções. A primeira seção é dedicada à revisão do referencial teórico, no qual são desenvolvidas explicações sobre conceitos chave da LC como conceptualização, metáfora, categorização, protótipos, Modelos Cognitivos Idealizados, esquemas imagéticos e outros pertinentes a este estudo.

Essa primeira seção está organizada nos seguintes tópicos: (1.1) Linguística Cognitiva; (1.1.1) A Semântica Cognitiva; (1.2) Teoria da Metáfora Conceptual; (1.3) Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados; (1.4) Algumas considerações sobre o estudo histórico. Esta primeira seção, portanto, procura esclarecer a perspectiva teórica dos estudos linguísticos no âmbito da LC, que tem como principal característica diferenciadora das abordagens linguísticas até então existentes, a base experiencialista e focada no uso.

A segunda seção, em linhas gerais, caracteriza e discute o *corpus* constituído para as análises, bem como o método para seleção das cantigas e os aspectos metodológicos que estruturam todo o texto. Aborda, também, outros *corpora* semelhantes disponíveis e justifica a escolha do *corpus* da base de dados *on-line* do projeto *Littera*. Está dividida nos seguintes tópicos: (2.1) Semântico, Cognitivo e Histórico: um estudo de metáforas em *corpus* digital; (2.1.1) *Corpora* da base de dados do Projeto *Littera* e (2.2) Procedimentos de análise à luz da Semântica Cognitiva.

A terceira seção apresenta as análises das cantigas escolhidas, as metáforas encontradas e a descrição e detalhamento dos modelos cognitivos em que as metáforas se inserem. Além de leituras, fatores históricos e sociais de algumas áreas de estudo do saber humano, para dar conta da interdisciplinaridade e

integração de saberes que a Semântica Cognitiva pressupõe para a contextualização e compreensão dos fenômenos linguísticos analisados. Está dividida nos seguintes tópicos: (3.1) Uma ocorrência peculiar no *corpus*; (3.2) As metáforas conceptuais da *velhice*; (3.2.1) VELHICE É PECADO; (3.2.1.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PECADO; (3.2.2) VELHICE É PERDIÇÃO; (3.2.2.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PERDIÇÃO; (3.2.3) VELHICE É DOENÇA; (3.2.3.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É DOENÇA; (3.2.4) VELHICE É ORGANISMO VIVO; (3.2.4.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ORGANISMO VIVO; (3.2.5) VELHO É ALGO/PESSOA RUIM; (3.2.5.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM; (3.2.6) VELHO É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO; (3.2.6.1) Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO; (3.2) Modelos Cognitivos Idealizados da *velhice* na Idade Média e (3.3) Velha e velho: questões de gênero.

A quarta seção apresenta algumas considerações finais, sintetizando os resultados obtidos na análise do *corpus* selecionado para este estudo. Fornece, ainda, algumas considerações sobre os mapeamentos das metáforas conceptuais encontradas.

Seguem-se as referências utilizadas para embasar as discussões promovidas ao longo da dissertação.

## 1 EMBASAMENTO TEÓRICO: A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Esta seção apresenta o aparato teórico desta dissertação. O primeiro tópico (1.1) é dedicado à discussão de conceitos basilares da Linguística Cognitiva e da Semântica Cognitiva, realizada a partir de um recorte teórico orientado pelos objetivos desta investigação. Em (1.1.1), destacamos alguns pontos específicos da Semântica Cognitiva. O segundo tópico (1.2) revisa a Teoria da Metáfora Conceptual, dando especial atenção aos conceitos de conceptualização e metáfora que são conceitos chaves para a análise proposta na terceira seção. O terceiro tópico (1.3) discute características gerais da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCi). O quarto tópico desta seção (1.4) aborda alguns aspectos relevantes ao estudo de natureza histórica: métodos, dificuldades e possibilidades.

### 1.1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Os estudos de natureza linguístico-cognitiva surgiram como um rompimento com a tradição linguística vigente, no final do século passado, que tinha um viés formalista. A Linguística Cognitiva baseia-se na ideia de que a linguagem é um fenômeno integrado que se apoia em faculdades cognitivas gerais como memória, categorização, percepção e compreende que a nossa experiência com o mundo fornece elementos essenciais que estruturam e permeiam o funcionamento das línguas.

Na segunda metade do século XX, Noam Chomsky, com o seu gerativismo e referência de “constructos mentais” para explicar fenômenos cognitivos relacionados à linguagem humana, abriu portas para as ciências cognitivas, embora ele afirmasse que a essência da linguagem humana estava na capacidade infinita do ser humano de combinar elementos gramaticais para gerar sentido, ou seja, na sintaxe.

Esta primazia pela sintaxe em detrimento dos outros “níveis de análise” da língua gerou críticas por parte de alguns estudiosos que acreditavam que a língua é um fenômeno complexo e que pensavam que para explicá-la é necessário, também,

uma abordagem semântica que considerasse os aspectos sociais, históricos, cognitivos e culturais. Muitos foram os questionamentos e, a partir da década de 1970, começa-se a solidificar uma mudança paradigmática que reformula a forma de ver a objetividade e o sentido nos estudos linguísticos.

Estudos dos fenômenos linguísticos, sob uma ótica cognitiva, começaram a ganhar força e nomes como George Lakoff, Mark Johnson, Leonard Talmy, Charles Fillmore, Ronald Langacker, Joseph Grady, dentre outros, começaram a ganhar visibilidade. Surge, em 1980, a Linguística Cognitiva como uma reação ao modelo de análise predominante, até então, majoritariamente formalista e estrutural. No ano de 1987, publicam-se duas importantes obras que se tornaram clássicos da literatura da LC: *Foundations of Cognitive Grammar*, de Langacker, e *Women, Fire, and Dangerous Things*, de Lakoff. Em 1989, se estabelece oficialmente a *International Cognitive Linguistics Asociación* (ICLA) e, em 1998, a *Asociación Española de Lingüística Cognitiva* (AELCO).

A LC possui uma diversidade teórica e metodológica extensa. Podemos considerá-la não como uma teoria, mas como uma corrente teórica que agrega diversas teorias e abordagens do estudo da linguagem. A LC assume, como pressupostos, que a linguagem é parte da cognição, não havendo um módulo separado único e exclusivo para o processamento da linguagem; que está fundamentada em processos cognitivos, históricos e sociais em interação com o mundo ao redor e, por este motivo, ao ser analisada, deve-se tomar como material de estudo a linguagem em uso e não contextos artificiais ou criados para a análise. Considera, ainda, que o significado é uma construção mental compartilhada socialmente, desta forma, deixa de lado a clássica dicotomia dos estudos linguísticos objetividade x subjetividade, pois, se o significado é perspectivista não há como sustentar o conceito purista de significado primeiro ou significado real.

Outras dicotomias clássicas deixam de ser relevantes para o estudo da linguagem como significado conotativo e denotativo, conhecimento enciclopédico e conhecimento linguístico, língua e fala, competência e desempenho, semântica e pragmática, sincronia e diacronia, linguagem literal e linguagem figurada, léxico e gramática, mente e corpo, pois compreende-se que limites dicotômicos são pouco precisos, sendo os conceitos citados melhor representados pela ideia de contínuos,

ou ainda e melhor aceitos pelos semanticistas, pela ideia de redes conceptuais interligadas que não pressuponha a ideia de hierarquia ou extremos, mas sim de conceitos complementares e integrados.

Estes princípios são compartilhados pelas principais linhas de investigação da Linguística Cognitiva, a saber: Semântica Cognitiva, Gramática Cognitiva, Teoria dos Protótipos, Teoria dos Frames, Teoria dos Espaços Mentais, Teoria da Gramaticalização, Teoria Neural da Linguagem, Teoria da Metáfora Conceptual e Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, que buscam compreender objetos como: a conceptualização, a categorização, a prototípicidade, a metáfora, a polissemia, a metonímia, a mesclagem conceptual, dentre outros.

Outro princípio importante da LC é o esquema de organização figura e fundo relacionado à capacidade humana de filtrar a informação relevante para o contexto de fala. Por exemplo, se olharmos para uma cena onde há uma mulher chorando numa sala com várias pessoas em torno dela, provavelmente, colocaremos a nossa atenção na figura central da moça chorando, deixando de lado elementos que poderiam nos dar mais informações sobre do que se trata a situação retratada, como um decoraçãõ festiva que poderia indicar uma festa de aniversário ou a presença de um caixão que poderia indicar tratar-se de um velório. Ou ainda, quando estamos em um local ruidoso como uma avenida movimentada, por exemplo, os sons mais altos como buzinas, motores e alto falantes vão ser colocados, inconscientemente, como figuras em detrimento de outros sons como uma goteira ou som de folhas balançadas pelo vento. Embora a configuração desse esquema seja quase sempre inconsciente, selecionando os sons ou imagens mais sobressalentes, podemos apurar os ouvidos ou dirigir a visão para determinado local alterando o fundo para figura ou vice e versa, a fim de atender a uma necessidade específica, como saber se alguém está chamando à porta enquanto estamos na cozinha como o som do liquidificador ligado servindo de figura para os outros sons do ambiente, por exemplo. (JOHNSON, 1987).

Outro princípio importante da LC e relacionado à ideia de organização figura e fundo é o de Domínio Conceptual, que diz respeito a gama de informações relacionadas a determinado conceito, uma estrutura de conhecimentos que contextualiza a informação apresentada, por exemplo, se olharmos para a mesma

situação anteriormente citada, com uma mulher chorando e várias pessoas ao redor dela em uma Universidade, podemos inferir que se trata de alguém emocionada por ter recebido um prêmio ou aprovada em algum exame difícil, ou ainda se a cena ocorre em um hospital, pode ser alguém lastimando a morte de um ente querido ou festejando a chegada de um bebê. Assim, para saber de que se trata, é preciso ter em conta o domínio conceptual que subjaz o conceito, situação ou significado que se está acessando. Ao ter acesso aos domínios conceptuais de determinado conceito, categorizamos e classificamos as informações adequando-as para a nossa compreensão. (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Categorizar as coisas do mundo é um processo essencial para a organização do conhecimento e da informação, é um processo através do qual agrupamos entidades semelhantes. As entidades são organizadas em torno de categorias prototípicas cujos limites não são nítidos e o elemento prototípico de cada categoria pode variar de acordo com o indivíduo, a localização geográfica, o tempo etc.

Categorizamos a todo o momento e, segundo Lakoff (1987), cada vez que olhamos um objeto e o reconhecemos como tal, empregamos uma categorização na ação de reconhecimento deste objeto. Todo e qualquer pensamento, seja algo simples ou complexo, nos leva a organizar os conceitos envolvidos (objetos, pessoas, animais, cores etc.) em diversas categorias. As categorias são entidades abstratas representadas por conjuntos, que estão definidos por propriedades compartilhadas por seus membros.

A maioria das categorizações é automática e inconsciente, elas estão ligadas à percepção, atividade motora e sensorial, sociedade, esquemas mentais e processos metafóricos e metonímicos; é, essencialmente, uma questão da experiência. Lakoff (1987, p. 8) resume essa ideia da seguinte forma: “human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination –of perception, motor activity, and culture on the one hand, and of metaphor, metonymy and mental imagery on the other”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A categorização humana é, essencialmente, uma questão tanto de experiência quanto de imaginação – de percepção, atividade motora, e cultura, por um lado, e metáfora, metonímia e imagens mentais, por outro.

Cada pensamento produzido pela mente humana se encaixa em uma categoria e quando encontramos algum elemento novo que não conhecíamos antes, tratamos logo de atribuir a alguma categoria conhecida. Vejamos o caso do mundo informático, na década de 1980, os computadores e a rede de internet começaram a se popularizar, uma experiência completamente nova para a sociedade. Deslocaram-se as categorias relacionadas à viagem para o âmbito informático (pois o ser humano tem historicamente muita experiência com navegações e deslocamentos pelo mar) e começou-se a usar expressões como: **navegar** na internet, **entrar** na rede, entre outras. Se tentarmos traçar algum paralelo nesta conceptualização metafórica entre viagens e acesso à internet, poderíamos dizer, por exemplo, que ambos promovem um deslocamento do indivíduo, embora um seja físico e o outro virtual. Você pode tomar um navio e ir até a Inglaterra ou pode apenas “navegar” na internet e “chegar” até a Inglaterra de outra maneira.

A conceptualização e a categorização ocorrem a partir do contato do ser humano com o mundo. Na LC, a corporeização da mente (*the embodied mind*) é um conceito chave para compreender os processos conceptuais, metafóricos e metonímicos, de um modo geral, para compreender como a mente humana produz (ou reproduz) os sentidos das coisas, orientando-se por esquemas pré-conceituais chamados de esquemas imagéticos. (JOHNSON, 1987).

O ser humano relaciona o contato do seu corpo com o mundo a tudo que está a sua volta. É através da experiência de deslocamento, nascimento, crescimento, morte, toque, cheiro, visão, paladar e audição, entre outras, que produzimos os significados, e que podem variar de indivíduo a indivíduo. Uma pessoa que, por ventura, seja privada de algum atributo biológico (cegos, mudos, surdos etc.), provavelmente, produzirá significados diversos que poderão variar socialmente, a depender do tipo de relação que possui com o seu lugar e com as pessoas à sua volta.

Os sentidos mais básicos do ser humano estão diretamente ligados aos esquemas de imagens. Estes esquemas de imagem são estruturas abstratas do pensamento humano que orientam a conceptualização, a partir da experiência sensorial e motora com o mundo. Johnson (2007), em seu livro *The meaning of the*

*body: aesthetics of human understanding*, retoma o conceito de esquemas imagéticos discutido anteriormente, por ele próprio e por George Lakoff (1987, p. 99)

called image schemas are precisely these basic structures of sensorimotor experience by which we encounter a world that we can understand and act within. An image schema is a dynamic, recurring pattern of organism environment interactions. As such, it will reveal itself in the contours of our basic sensorimotor experience. Consequently, one way to begin to survey the range of image schemas is via a phenomenological description of the most basic structural features of all human bodily experience<sup>3</sup>.

Estas estruturas abstratas e genéricas, advindas de experiências sensório-motoras, facultadas pelas características da espécie humana, são imagens esquemáticas e dizem respeito a aspectos da atividade do ser humano no espaço, tais como: orientação, deslocamento, equilíbrio, movimento, forma etc. Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de CONTINENTE/CONTEÚDO, PARTE/TODO, CENTRO/PERIFERIA, EM CIMA/EMBAIXO, FRENTE/TRÁS, LIGAÇÃO, PERCURSO, entre outros.

Desde a infância, o ser humano internaliza, por exemplo, a experiência de mover-se de um lugar para outro. Essa experiência física rotineira consolida-se na mente de forma esquemática, dando origem ao esquema de percurso, cujos elementos estruturais são uma origem (ou ponto de partida), um alvo (ou ponto de chegada), uma distância percorrida (ou uma sequência de locais contíguos que conectam uma origem a um alvo) e uma direção (para um alvo).

No tópico seguinte, faremos uma abordagem mais específica sobre a Semântica Cognitiva.

---

<sup>3</sup> O que chamamos de esquemas de imagem são precisamente essas estruturas básicas de experiência sensório-motora, através da qual nos deparamos com um mundo que podemos compreender e no qual podemos atuar. Um esquema de imagem é um padrão dinâmico, recorrente de interações entre o ambiente e o organismo. Consequentemente, ele irá revelar-se nos contornos da nossa experiência básica sensório-motora. Consequentemente, uma maneira de começar a pesquisar a variedade de esquemas imagéticos é através de uma descrição fenomenológica das características estruturais mais básicas de toda a experiência corporal humana.



### 1.1.1 A Semântica Cognitiva

A SC é uma das linhas de investigação da LC, com a qual compartilha diversos pressupostos teóricos. A SC tem vários objetos de análise, dentre os quais a conceptualização e a metáfora, que são pontos focais deste estudo. Esta perspectiva possui um viés teórico que busca compreender a língua em sua complexidade de sentidos, através da análise da linguagem em uso, considerando-a como um resultado do processo de interação do falante com o mundo a sua volta, não podendo esta ser apreendida como existente para além do sujeito.

A SC considera a linguagem um módulo integrado da cognição, que não se pode entender de maneira autônoma e independente, e, para compreendê-la, é necessário explorar as relações entre ela e outras faculdades cognitivas em busca de mecanismos que possam oferecer possibilidades de explicações e soluções para o entendimento do funcionamento da linguagem. Para esta teoria, o significado é uma construção social, cultural e coletiva, resultado de processos cognitivos tais como: memória, imaginação, percepção, categorização e conceptualização. A SC busca compreender o significado a partir do uso linguístico, considerando aspectos sociais, culturais, históricos e biológicos da condição humana e para dar conta de compreender tais aspectos, possui um carácter interdisciplinar. Agrega conhecimentos e estudos de diversas áreas do saber humano, a fim de mensurar e explicar a natureza do significado construído pelos falantes.

A Semântica Cognitiva entende que a interação humana com o seu entorno se dá através do corpo e dos sentidos. É através do ver, do sentir, do cheirar, do ouvir e do saborear, do deslocar-se no espaço que compreendemos, conceptualizamos. Construimos os significados, através de processos como a metáfora e a metonímia, por exemplo. O conceito de mente corporificada é amplamente discutido por teóricos da área, publicações, como *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*<sup>4</sup> (1999) de George Lakoff e Johnson, *The meaning of the body*<sup>5</sup> (2007) e *The Body In The Mind*<sup>6</sup> (1987) de Mark Johnson, mostram como este conceito é basilar para a compreensão de significado defendida pelos cognitivistas.

---

<sup>4</sup> *Filosofia na carne: a mente corporificada e seu desafio ao pensamento ocidental.*

<sup>5</sup> *O significado do corpo.*

<sup>6</sup> *O corpo na Mente.*

Na SC, a metáfora tem o seu valor cognitivo reconhecido. Lakoff e Johnson (1980) expõem que a metáfora é um recurso cognitivo que expressa linguisticamente o pensamento, presente tanto na cultura literária quanto na linguagem utilizada no dia a dia e para explicar essas ideias, eles desenvolveram a TMC.

## 1.2 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL

Durante a década de 1970, a metáfora voltou a ser objeto de interesse das ciências da linguagem e muitas eram as teorias sobre ela, dentro e fora do campo da Linguística. Porém, foi com o lançamento da obra *Metaphors we live by*<sup>7</sup> de George Lakoff e Mark Johnson, em 1980, que os estudos sobre metáfora e, posteriormente, a Teoria da Metáfora Conceptual ganharam grande repercussão e visibilidade. Os autores trazem uma proposta de abordagem simples e acessível, ressonando em acordo com o próprio título: “Metáforas da vida cotidiana”. O livro tem uma linguagem fluída e didática, no qual explicam uma série de expressões metafóricas utilizadas no inglês contemporâneo. Em 1999, com o livro *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*<sup>8</sup>, George Lakoff e Mark Johnson ampliam as discussões sobre a TMC.

Esta teoria desloca a metáfora de sua concepção clássica de figura de linguagem própria da poética e considera que a metáfora, juntamente com a metonímia, é uma “figura de pensamento”. Um recurso essencial para a construção dos sentidos e a conceptualização do mundo pelo indivíduo, estando as expressões metafóricas presentes na língua de forma significativa na linguagem cotidiana e até mesmo na linguagem científica, que era, até então, considerada “objetiva” e “literal”.

O conceito de metáfora conceptual aqui considerado é o de mecanismo cognitivo em que os conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros. Uma construção mental abalizada pelo contexto social e cultural de cada indivíduo que variará de contexto a contexto, porém, estruturadas sistematicamente

---

<sup>7</sup> *Metáforas da Vida Cotidiana.*

<sup>8</sup> *Filosofia na carne: a mente corporificada e seu desafio ao pensamento ocidental.*

pelo contato do indivíduo com o mundo a sua volta, sobretudo, pelo corpo. Para Lakoff e Johnson (1999), as metáforas carregam, em seus elementos constitutivos, o significado, o pensamento, já que são provenientes, principalmente, da experiência corpórea.

A base experiencial da metáfora explica, em parte, o motivo de algumas metáforas ocorrerem em diferentes línguas, de culturas aparentemente muito distintas. É a interação do ser humano com o meio, através dos sentidos, da orientação espacial, das temperaturas, cores, texturas etc. que integram os esquemas pré-conceituais subjacentes ao processo de conceptualizar chamados de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), como veremos adiante.

Para a SC, as construções metafóricas estruturam o pensamento humano. É através delas que buscamos compreender conceitos mais abstratos da língua, partindo de um domínio-fonte para um domínio-alvo em que, geralmente, mas não apenas, o domínio-fonte é um conceito mais concreto e o domínio-alvo é um conceito mais abstrato. Entretanto, pode ocorrer do domínio-fonte ser tão abstrato quanto o domínio-alvo, ou ainda, em menor número de ocorrências, mas perfeitamente possível, o domínio-fonte ser mais abstrato que o domínio-alvo. Considerando tais constatações, seria mais adequado falar de partir de um conceito mais conhecido para compreender outro menos conhecido, pois até mesmo o entendimento de concreto e abstrato pode ser fluido a depender do indivíduo ou do seu viés teórico.

As metáforas conceptuais são esquemas abstratos que estruturam o pensamento humano. Elas ocorrem através de um processo metonímico, pois, ao selecionarmos um domínio-fonte, não consideramos todos os aspectos deste, destacamos um determinado aspecto e projetamos no domínio-alvo, são associações parciais. É válido ressaltar que:

Metaphor expresses similarities. That is, there are preexisting similarities between what words normally designate and what they designate when they are used metaphorically<sup>9</sup>. (LAKOFF; JOHNSON,1999, p.119)

---

<sup>9</sup> Metáfora expressa semelhanças. Ou seja, há semelhanças preexistentes entre o que as palavras normalmente designam e o que elas designam quando são usados metaforicamente.

Estes esquemas abstratos e conceptuais são realizados, na língua, através de expressões metafóricas, porém, as metáforas conceptuais podem ser expressas em outras linguagens como a dança, movimentos, gestos, cores e imagens em geral. Para Lakoff e Johnson, (1980, p. 210)

Falar e entender metáforas só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Seu uso é automático, não exigindo, portanto, esforço de interpretação, fazendo parte do modo de pensar de uma comunidade linguística.

Lakoff e Johnson (1980) caracterizam quatro tipos de metáfora conceptual: as estruturais, as orientacionais, as imagéticas e as ontológicas. As estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Um domínio-fonte é parcialmente projetado num domínio-alvo para elucidar a sua compreensão, a exemplo das metáforas estruturais SER HUMANO É ANIMAL, AMOR É VIAGEM, DISCUSSÃO É GUERRA, que podem ser acessadas através de expressões como: “Ela **ladrou** de raiva”, “ele **urrou** de dor”; “onde vamos **chegar** com esta relação”, “**embarquei** na tua”; “ela me **venceu** com seus argumentos”, “eu fui **atacada** por todos os lados na discussão hoje à tarde”.

As metáforas orientacionais organizam os conceitos em função do espaço físico e do contato mundo-corpo. A noção de espacialidade é uma das mais básicas do ser humano, as orientações para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás e outras, dão origem a metáforas como BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO, FUTURO É PARA FRENTE, PASSADO É PARA TRÁS. Estas metáforas podem ser acessadas por expressões como: “ela tem um **alto** astral maravilhoso”; “estou para **baixo** hoje porque perdi meu anel”; “ela **subiu** na vida”; “a qualidade do produto **caiu**”; “**daqui** a dois anos”; “**passaram-se anos** até ela esquecer”.

As metáforas imagéticas são aquelas em que se utilizam imagens mentais para estruturar a metáfora, ao invés de utilizar um domínio-fonte e um domínio-alvo como ocorre com as demais. Apoiam-se em imagens concretas para compreender outras imagens concretas, por exemplo, comparar lágrimas com gotas de chuva ou o um violão com o corpo de uma mulher.

As metáforas ontológicas são as que transformam um conceito abstrato como eventos, atividades, emoções ou ideias em entidades, objetos ou substâncias. Decorre da necessidade do ser humano em delimitar e quantificar elementos pouco “palpáveis”. Usa-se a experiência humana com substâncias e objetos físicos para conferir limites artificiais e uma base de compreensão que vai além da orientação. Para Lakoff e Johnson (1980, p.87),

As metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas. Isso nos permite entender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

A personificação é o tipo mais recorrente de metáfora ontológica. Nela, o domínio-fonte é, sempre, um ser humano, do qual é selecionado um aspecto que será, parcialmente, projetado no domínio-alvo a ser compreendido. É um recurso metafórico, amplamente, utilizado. Lakoff e Johnson (1980) a caracteriza como

A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. O que todas têm em comum é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. (LAKOFF E JOHNSON, 1980, p. 88).

Grady (1997), por sua vez, faz novas classificações das metáforas em primárias e complexas. As metáforas primárias são aquelas que resultam da interação corpo-mundo, resultando em processos cognitivos que permeiam a cognição humana, independentemente da língua e da cultura. Elas estão relacionadas aos sentidos e experiências com cores, temperaturas, sabores etc. Já as metáforas complexas seriam agrupamentos de metáforas primárias, uma estrutura composicional que agrupa duas ou mais metáforas primárias, fazendo emergir um esquema abstrato complexo.

As metáforas primárias emergem de esquemas imagéticos, que são estruturas pré-conceptuais e têm uma grande importância no processo de conceptualização, como afirma Grady (1997):

Lakoff, Johnson, and other metaphor researchers have all referred to relevant levels of experience and cognitive organization other than the domain. The notion of an imageschema, in particular, is in much the same spirit as analysis in terms of primary scenes and primary metaphors. Specifically, certain accounts of image-schemas place them very near to primary source concepts, in the present framework. Because of its centrality in cognitive linguistic research and its close affinity to certain aspects of primary scenes, the image-schema receives fairly extensive treatment here. [...] Like primary scenes, image-schemas are conceived as fundamental units which play an important role in structuring meaning and concepts. Johnson, who coined the term imageschema, characterizes them as "pattern[s] in some particular experience" (1987, p 33) and says that "image-schemata are not rich, concrete images or mental pictures [emphasis Johnson's]..." but rather, "structures that organize our mental representations at a level"<sup>10</sup>. (GRADY, 1997, p.179).

Johnson (1987) refere-se aos esquemas como representações esquemáticas de entidades, situações, configurações, e outros, que encontramos repetidamente no mundo. Em seu estudo, de 1987, o autor apresenta uma lista parcial de esquemas de imagens, quais sejam:

CONTAINER	BALANCE	COMPULSION
BLOCKAGE	COUNTERFORCE	RESTRAINT REMOVAL
ENABLEMENT	ATTRACTION	MASS-COUNT
PATH	LINK	CENTER-PERIPHERY
CYCLE	NEAR-FAR	SCALE
PART-WHOLE	MERGING	SPLITTING
FULL-EMPTY	MATCHING	SUPERIMPOSITION
ITERATION	CONTACT	PROCESS
SURFACE	OBJECT	COLLECTION

(Figura: 1. Classificação dos esquemas imagéticos. JOHNSON, 1987, p.126)

<sup>10</sup> Lakoff, Johnson, e outros pesquisadores da metáfora tem se referido a níveis relevantes da experiência e organização cognitiva diferente do domínio. A noção de um esquema imagético, em particular, é em grande parte o mesmo espírito como a análise em termos de cenas primárias e metáforas primárias. Especificamente, certas explicações de esquemas imagéticos os coloca muito perto de conceitos de fonte primária, no quadro atual. Devido à sua centralidade na pesquisa linguística cognitiva e sua estreita afinidade com certos aspectos de cenas primárias, o esquema imagético recebe tratamento bastante extenso aqui. [...] Como cenas primárias, os esquemas imagéticos são concebidos como unidades fundamentais que desempenham um papel importante no sentido e conceitos de estruturação. Johnson, que cunhou o termo esquema imagético, caracteriza-os como "padrões em alguma experiência particular" (1987, p 33) e diz que "esquemas de imagem não são ricos, imagens concretas ou imagens mentais [ênfase Johnson]..." "mas sim," estruturas que organizam as nossas representações mentais em um nível.

Nós, frequentemente, experienciamos as interações humanas como a relação a partir da noção espacial e do contato com corpo/mundo. Por exemplo, as noções de dentro, fora e limites, este esquema se reflete em expressões metafóricas tais como: “ele não **sai** (de dentro) da minha cabeça”, “te guardo **no** meu coração”, “essa vaga está **fora de alcance**” e configuram o esquema do CONTÊINER. No esquema ORIGEM-PERCURSO-META, temos a ideia do deslocamento, através do espaço. O aprimoramento da habilidade de locomoção sobre duas pernas provocou uma grande mudança no *modo vivendis* da humanidade.

O esquema CENTRO-PERIFERIA está relacionado à necessidade de categorizar as coisas em mais e menos importantes, e, também, a configuração figura e fundo que ocorre com as informações ao nosso redor. Este esquema se reflete em expressões metafóricas tais como: “eu gosto da literatura **marginal** que ela lê”, “ela estava **no centro** das atenções”, “eu fiquei **à margem** desta decisão”.

O esquema da LIGAÇÃO está relacionado ao nosso primeiro “elo” com o mundo, o cordão umbilical. Reflete-se em expressões metafóricas tais como: “nós viajaremos **juntos** nas férias”, “minha família é muito **unida**”, “eles não consideram mais os **laços** de sangue”.

O esquema PARTE PELO TODO está na base conceptual dos Modelos Cognitivos Idealizados Metonímicos, como veremos adiante. Comumente, seleciona-se a parte “relevante” ao contexto imediato, delegando, assim, a responsabilidade da parte representar o todo maior em que está inserida e direcionando a atenção de acordo com a necessidade e o objetivo da informação que se quer passar.

A metáfora, em seus diferentes desdobramentos e classificações, seria pois, um mecanismo fundamental para a conceptualização do mundo. Está presente nas linguagens humanas, porque está na nossa cognição e pode ser acessada pelos falantes em diferentes contextos.

### 1.3 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Os MCIs são construções cognitivas resultantes das nossas práticas sócio-históricas e culturais que agregam vários domínios do conhecimento humano. Utilizamos “espaços mentais”, para constituir cognitivamente os conceitos idealizados. Segundo Lakoff (1987, p.281), um espaço mental é “a medium for conceptualization and thought. Thus any fixed or ongoing state of affairs as we conceptualize it is represented by a mental space<sup>11</sup>”.

Com a TMC, de George Lakoff, surge uma nova perspectiva de estudos ligados ao funcionamento da mente e da linguagem, vinculados à concepção do realismo experiencial. A inspiração para tal teoria veio, segundo o autor (LAKOFF,1987, p. 68), a partir do estudo de “quatro fontes”, a saber: Filmore (1982b), Lakoff e Johnson (1980), Langacker (1986) e Fauconnier (1985).

Esses modelos desempenham um importante papel na cognição humana, são expectativas socialmente compartilhadas e, como o próprio nome diz, são idealizadas, logo não precisam coincidir necessariamente com a “realidade”. Segundo Lakoff (1987) “this idealized model, however, does not fit the world very precisaly<sup>12</sup>”. Isso resulta de que, sendo produto da experiência da interação humana com o meio, o que está inserido no modelo cognitivo é determinado por necessidades, valores, propósitos, crenças e é moldado de acordo com o indivíduo. Os MCIs utilizam quatro tipos de princípios estruturadores: as estruturas de imagem esquemática, as estruturas proposicionais, os mapeamentos metafóricos e os mapeamentos metonímicos. Esses princípios originam alguns tipos básicos de modelos cognitivos: de esquema de imagens, proposicionais, metafóricos, simbólicos e metonímicos (LAKOFF, 1987, p. 68-90).

Os modelos são idealizados, porque envolvem abstrações elaboradas por meio dos processos da percepção e da concepção de significado que a mente produz na relação com o mundo físico exterior ao corpo, sobretudo, através das experiências

---

<sup>11</sup> um meio para a conceituação e pensamento. Assim, qualquer estado fixo ou permanente das coisas que conceituamos é representado por um espaço mental. (Tradução nossa).

<sup>12</sup> Este modelo idealizado, no entanto, não se encaixa no mundo de forma muito precisa. (Tradução nossa).



sensorio-motoras. Para Feltes (2007, p.89), estes modelos “são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana”.

Podem ser entendidos, também, como modelos culturais, já que a nossa percepção de mundo, além de sensorio-motora, está relacionada à nossa experiência histórica, social e cultural. O MCI do conceito de solteirão explorado por Filmore, por exemplo, em que solteirão seria um homem de idade avançada e que não se casou, organiza a expectativa social sobre a idade adequada de um homem para casar-se e constituir família. Este conceito, entretanto, não se aplicaria a homens religiosos que não devem casar-se por ser uma premissa do seu ofício, por exemplo, padres e papas. Não se aplicaria, também, a mulheres que ultrapassaram a idade adequada para casar-se, neste caso, entraria em cena outro Modelo Cognitivo, o de “ficar para tia” ou “solteirona”, que é bem negativo, diferentemente do que acontece com o modelo de solteirão. Esses modelos culturais flutuam, contextualmente, porque possuem informações fluidas que lhes permitem modificar-se e adaptar-se a variadas situações, de acordo com diferentes propósitos. Resulta da capacidade de categorização, através da interação experiência-cognição e são construídos para o entendimento de uma determinada situação, apresentando-se semelhantes ou contraditórios entre si.

Lakoff (1987) caracterizou cinco tipos básicos de modelos cognitivos: (1) de esquemas de imagens, (2) proposicionais, (3) metonímicos, (4) metafóricos e (5) simbólicos. Nos interessam, para este estudo, sobretudo, os modelos metafóricos e metonímicos. O modelo metafórico envolve um domínio de origem e um domínio meta. O domínio de origem é estruturado por um modelo proposicional ou de imagem esquemática, o mapeamento é tipicamente parcial e mapeia a estrutura do MCI no domínio de origem para uma estrutura correspondente no domínio alvo. Já o mapeamento metonímico ocorre dentro de um único domínio conceptual, que é estruturado por um MCI. Dado dois elementos X e Y, Y pode significar X, no contexto, sendo Y uma parte ou uma subcategoria de X.

No tópico 3.2, prolongaremos a discussão a cerca dos Modelos Cognitivos Idealizados, porém, já direcionados para as conceptualizações da *velhice* analisadas no tópico 3.1.

## 1.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO HISTÓRICO

Ao estudar aspectos linguísticos de uma língua sob uma perspectiva histórica, o linguista deve considerar que fatores sociais, políticos e culturais moldam a língua histórica e temporalmente. Tratando-se de análises semânticas, como as que são propostas neste estudo, abordar os aspectos históricos é, ainda, mais relevante se considerarmos que as metáforas que, por ventura, lermos nas entrelinhas dos textos analisados podem ser corroboradas ou refutadas pelo seu contexto histórico e social em que os textos foram produzidos.

Ao observar e interpretar os fenômenos linguísticos no século XIII, datação dos textos aqui analisados, do português arcaico, estamos, de certa forma, contribuindo para fazer-se conhecer a constituição histórica da língua portuguesa ao longo do seu tempo histórico e, também, do pensamento semântico. No que diz respeito à Semântica Cognitiva, base teórica que orienta este estudo, interpretar sentidos, significações, e considerar as metáforas conceptuais como basilar do pensamento humano é importante ingrediente para o processo de conceptualização, pressupõe-se, necessariamente, amplo conhecimento dos fatos históricos relativos à língua estudada e à sociedade que a utilizava.

Partindo desta observação, é válido ressaltar que a Linguística Histórica foi caracterizada pela linguista Rosa Virgínia Mattos e Silva como sendo de caráter *lato sensu* e *stricto sensu*. Segundo ela,

A linguística histórica *lato sensu* trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em *corpora*, que, necessariamente são datados e localizados, tal como os estudos descritivos. (MATTOS E SILVA, 2008, p.9).

Já a Linguística Histórica *stricto sensu* se concentraria, sobretudo, na mudança linguística. A autora considera que:

a linguística histórica *stricto sensu* a que se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas. É essa a tradicional concepção da linguística histórica, que, no seu sentido estrito, pode ser trabalhada em duas

orientações: a) a linguística histórica sócio-histórica e b) a linguística diacrônica associada. (MATTOS E SILVA, 2008, p.9).

Este estudo, por se tratar de uma análise que toma como ponto de partida um *corpus* constituído de textos “datados e localizados”, insere-se na Linguística Histórica *lato sensu*. Ressaltamos que, após feitas as análises e encontradas as metáforas nos textos, buscamos, cuidadosamente, em literaturas que versam sobre o tema da *velhice* em perspectiva histórica, encontrar indícios históricos que aclarassem ou creditassem as metáforas identificadas, o que não foi possível para todas as metáforas. Visto que acreditamos que não se pode dissociar a língua de sua história, é preciso considerar aspectos sociais, políticos e culturais que influenciam, diretamente, nas significações, conceptualizações e usos que se faz da língua.

Diríamos, então, que este estudo é de natureza linguística-sócio-histórica e, como tal, deve considerar “fatores extralinguísticos ou sociais, também fatores intralinguísticos” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 9).

Tomamos como *corpus* uma série de textos editados por filólogos e linguistas e disponibilizados em rede, no *corpus* digital produto do Projeto Littera, coordenado pela professora doutora Graça Videira Lopes da Universidade Nova de Lisboa. A linguística histórica depende, diretamente, da filologia, pois esta fornece os textos editados com rigor histórico, tratando de considerar aspectos sócio-históricos na edição dos documentos e evitando “equivocos” científicos, sendo uma decisão metodológica imprescindível a todo linguista histórico, eleger textos criticamente editados.

No que se refere à metodologia, deve-se ressaltar que não se pode nem se deve utilizar qualquer edição de texto do passado para a análise histórica diacrônica: a edição tem de ter sido feita com *rigor filológico*. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 15, grifo do autor).

Por filologia, compreendemos a ciência que lida com textos, analisa e interpreta criticamente e produzindo edições historicamente ambientadas. Esta definição é consonante com a conceituação de Leite de Vasconcellos (1950) trazida por Mattos e Silva (2008).

A filologia abrange pois: história da língua (glotologia, glótica, linguística e seus ramos) com a estilística e a métrica; história literária. Faz-se aplicação prática da filologia quando se edita criticamente um texto. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 13).

Outra consideração importante a cerca do estudo de natureza histórica é a periodização do Português Medieval, ou romance galego-português. Os textos do *corpus* eleito datam do século XIII. Estariam, então, localizados no período em que se “inicia”, ou se reconhece para fins didáticos, o começo deste período da língua. Segundo Mattos e Silva (2004, p.2):

Em geral os historiadores da língua portuguesa definem um limite inicial para o período arcaico que tem como indicador básico o surgimento dos primeiros documentos escritos em português. [...] Na tradição filológica da primeira metade do século XX, estabeleceu-se que o início do período arcaico se define com o surgimento do primeiro documento oficial-régio em 1214 - O testamento de Afonso II, documento temporão, já que só a partir de 1255 começam a se multiplicar documentos em português na Chancelaria Real de Afonso III.

A periodização do Português Medieval, entretanto, divide opiniões entre os linguistas e historiadores. Em 1999, Ana Maria Martins reabre a questão, recuando no tempo o início deste período a partir da análise de documentos privados. Mattos e Silva (2004, p.3) recorda que:

São documentos do tipo notícias, fintos (=listas) e testamentos, realizados em scripta conservadora, que adotam recursos escriturais ora apropriados ao português ou galego-português, ora devedores às práticas escriturais de documentação escrita em latim. Ana Maria Martins defende que já são em português ou galego-português e se fundamenta na sua morfossintaxe, que já não é a do latim, mas do português.

A questão, até os dias atuais, divide opiniões dos pesquisadores, inclusive, a nossa, ficando esta questão pendente de maior aprofundamento para posicionamento científico. Mattos e Silva (2004) relembra que o pesquisador António Emiliano (2001) em seu estudo *Sobre a questão d'os mais antigos textos escritos em português* contesta a publicação de Martins (1999) e defende que:

Esse tipo de questão ultrapassa de fato a discussão estrita do “portuguesismo” deste ou daquele texto e é uma questão de ordem

scripto-linguística. [...] O Testamento de Afonso II e a Notícia de Torto são os mais antigos textos em português conhecidos". (MATTOS E SILVA, 2004, p. 3).

Ana Maria Martins (1999) defende que, dentre os analisados, tanto linguisticamente como paleograficamente, a Notícia de Fiadores que data de 1175, é o mais recuado no tempo no conjunto de documentos que analisou. Essa discussão, ainda, segue, porém, como dito anteriormente, essa periodização é feita, sobretudo, para fins didáticos e não é condição essencial para a realização deste estudo.

Ao ler um texto histórico, o leitor/estudioso da língua o lê imbuído de seu tempo. Não se deve enganar-se sobre a possibilidade de ler os textos como teriam feito os homens medievais. O leitor irá, de certo modo, privilegiar uns aspectos mais que outros, é, sempre, uma leitura, ou releitura feita a partir de perspectivas possíveis, embora o conhecimento de seus autores e da sociedade em que se inseriam forneça elementos cruciais para a captação dos eventuais sentidos produzidos pela linguagem utilizada nos textos analisados.

Embora não seja um objetivo deste estudo verificar as modificações da conceptualização da *velhice* ao longo do século XIII, antes objetivamos encontrar as metáforas que se realizam no *corpus* estabelecido e estudá-las, percebemos que havia flutuações em suas significações, ora positivas, ora negativas, variações que perduram até os dias atuais. É inevitável, ao analisar possíveis metáforas num outro momento da língua, não estabelecer analogias com o conhecimento atual sobre o tema em foco, estas comparações, entretanto, não serão produto do estudo aqui proposto.

## 2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A partir da revisão teórica feita na seção anterior, esta seção propõe-se a apresentar os aspectos metodológicos pertinentes a um estudo sobre a conceptualização da *velhice* e as metáforas conceptuais e/ou expressões metafóricas que revelam a experiência humana com a *velhice* na Idade Média e está dividido nos seguintes tópicos: (2.1) Semântico, Cognitivo e histórico: um estudo de metáforas em *corpus* digital; (2.1.1) *Corpora* da Base de dados *on-line* do Projeto *Littera* e (2.2) Procedimentos de análise à luz da Semântica Cognitiva.

Este estudo configura-se como pesquisa teórica, de natureza científica e de caráter bibliográfico. Elencamos parte do conhecimento científico acumulado sobre o objeto de estudo, bem como sobre a teoria que orienta esta análise. A problemática, aqui apresentada surgiu, conforme dito anteriormente na introdução, a partir da observação das conceptualizações da *velhice* em textos atuais, o que suscitou o interesse sobre as possíveis conceptualizações que ocorreriam no português medieval e quais metáforas estariam presentes neste processo. Delimitamos, então, o nosso objeto de pesquisa. Dito isto, aclaramos que o problema norteador desta dissertação é: quais seriam as metáforas conceptuais que permeiam o processo de conceptualização da *velhice* no período arcaico da língua, especificamente, em cantigas satíricas galego-portuguesa e quais seriam as expressões metafóricas que atualizam essas metáforas?

Para responder a tal problema, foram formuladas três hipóteses, quais sejam:

(1) há oposição nas conceptualizações da *velhice* no período arcaico da língua, ora positivas, ora negativas; (2) devido à natureza do *corpus*, só serão encontradas conceptualizações “negativas” ou jocosas; (3) os modelos cognitivos idealizados de *velhice* estão, diretamente, ligados a aspectos sociais, religiosos e culturais da época.

O objetivo geral desta dissertação é, portanto, verificar as conceptualizações da *velhice* em textos medievais galego-portugueses, especificamente em cantigas de escárnio e maldizer, desenvolvendo uma discussão teórica apoiada nos

pressupostos teórico-metodológicos da SC, logo da LC. O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

(O1) Identificar e analisar as conceptualizações metafóricas da *velhice* no período medieval do gelego-português, em particular em cantigas do seu cancionero satírico;

(O2) Identificar e analisar as possíveis expressões metafóricas que atualizam as metáforas no *corpus*;

(O3) Identificar e analisar Modelos Cognitivos Idealizados da *velhice* no mesmo período, a partir dos textos constituintes do *corpus*.

A abordagem do estudo caracteriza-se como qualitativa. O levantamento de dados motivou-se pela busca da compreensão e interpretação de determinados comportamentos e significações produzidas por indivíduos de uma dada população em uma dada época. É exploratória, portanto, não tem o intuito de obter números como resultados, embora, em alguns momentos do desenvolvimento foi possível quantificar os resultados obtidos.

O método utilizado para a análise dos resultados foi indutivo e pautado na hermenêutica. Partimos de dados específicos e inferimos possibilidades de leituras, ora corroboradas por Modelos Cognitivos Idealizados acessíveis, no próprio texto e em literaturas de diversas áreas do saber humano, ora mostrando-se como leituras contextuais e pontuais possíveis nos textos analisados e não sendo compartilhado por outros, ou, pelo menos, não acessados por nós em outros textos.

Os dados foram obtidos a partir de revisões bibliográficas e do *corpus* disponibilizado *online* e previamente editado, conforme abordaremos no tópico (2.1) desta seção.

No referencial teórico, elencamos algumas teorias da LC e abordamos conceitos teóricos relevantes para o estudo, aqui, desenvolvido. Construímos uma base conceptual organizada e sistematizada do conhecimento disponível. Buscamos teorias, abordagens e estudos que permitissem compreender os fenômenos semânticos em suas múltiplas perspectivas, sobretudo, social, histórica e cultural. Tentamos, ao máximo, promover um diálogo entre diferentes autores que versam

sobre teorias da LC e sobre algumas das abordagens teóricas complementares (TMC, MCI etc.).

Para se chegar aos objetivos propostos, utilizamos amostragem de textos do século XIII, do gênero cantigas de escárnio e mal dizer (cf. tópico 2.1). Desenvolvemos um comportamento hermenêutico não apenas interpretativo, mas também, de alguma forma, alicerçado em fatores socioculturais e históricos, empregando processos científicos, a fim de solucionar os problemas, aqui, colocados. Organizamos as esclarecimentos da seguinte maneira: em (2.1), caracterizamos os aspectos metodológicos concernentes ao estudo Semântico-Cognitivo de natureza histórica e dissertamos sobre o *corpus* utilizado, a metodologia de seleção dos contextos e os resultados encontrados e, em (2.2), explicamos questões metodológicas da SC, bem como as práticas metodológicas utilizadas no grupo de pesquisa no qual atuamos, a saber, o GESCOG, Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva, e abordamos a utilização de literaturas das diversas áreas do saber humano para a elucidação dos resultados apresentados na seção 3. Descrevemos, também, o processo pelo qual identificamos as metáforas e o procedimento adotado na análise dos dados com base no aporte teórico que orienta esta investigação.

## 2.1 SEMÂNTICO, COGNITIVO E HISTÓRICO: UM ESTUDO DE METÁFORAS EM *CORPUS* DIGITAL.

O galego-português era a língua falada no noroeste da Península Ibérica no período medieval. Derivado do latim vulgar, a língua galego-portuguesa posteriormente se diferenciou linguística e culturalmente e originou duas línguas diferentes, o galego e o português.

Os últimos séculos da Idade Média, do século XIII ao XV, são marcados pela preocupação de fixar por escrito as línguas chamadas vulgares. Documentos oficiais, textos literários, documentos historiográficos passam a ser escritos nas línguas faladas pelo povo em detrimento do latim. Estes documentos configuram um importante legado histórico, linguístico e cultural e, aos estudiosos da história,



forneem importantes dados para as análises. Permitem ao pesquisador gerar hipóteses, a partir dos registros remanescentes e das informações complementares que o historiador pesquise, porém, sempre, hipotéticos e não categóricos. Segundo Mattos e Silva (1991, p. 28-29):

o conhecimento de qualquer estágio passado de qualquer língua – se ela é documentada por algum tipo de escrita ou inscrição – é sempre fragmentado, porque fragmentário é o espólio de que dispõe o pesquisador. O investigador dessa fase da história da língua não constituirá seu *corpus* de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. A partir desse condicionamento inicial é que recortará os dados que julgue necessários e suficientes para responder a suas questões. [...] Dai Labov ter definido muito adequadamente os estudos diacrônicos ao longo dos séculos – em oposição aos estudos de mudanças linguísticas em curso – como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”. Maus dados porque “os fragmentos da documentação escrita que permanecem são resultado de acidentes históricos para além do controle do investigador”.

Realizar um estudo semântico de uma sincronia anterior da língua requer acesso a textos históricos, sejam eles documentos oficiais, documentos pessoais, correspondências ou textos literários. Estes últimos são o objeto do nosso interesse para este estudo. Utilizamos textos literários, mais especificamente cantigas de escárnio e cantigas de mal dizer, como já informado aqui, como *corpus* para as análises.

Para a realização da investigação cujos resultados são, aqui, expostos, escolhemos os *corpora* disponíveis na Base de Dados Online do Projeto Littera, coordenado pela professora doutora Graça Videira Lopes da Universidade Nova de Lisboa, como já explicitado. A eleição do *corpora* se deu pela familiaridade dos pesquisadores com este recurso devido ao seu uso em estudos e análises anteriores.

Utilizar um *corpus* informatizado e de livre acesso otimiza o tempo do pesquisador e facilita a esquematização dos dados almejados. Outros *corpora* da língua galego-portuguesa estão disponíveis na rede mundial de computadores para consulta, tais como o *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*,

disponível em <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Encontram-se, no *site*, textos galego-portugueses de diversos gêneros do século IX ao século XVI.

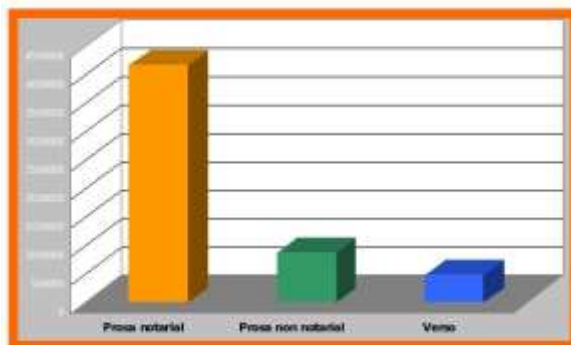
Também produzido por professores e pesquisadores da Universidade Nova de Lisboa, o CIPM resultou da necessidade de dados indispensáveis para a investigação linguística sobre o período mais antigo do Português. Segundo informações da apresentação do *corpus* informatizado, está sendo desenvolvido um Dicionário do Português Medieval, cuja informação pode ser consultada em glossários e bases de dados ali disponíveis. Até 2003, foram integrados textos do tipo notarial, crônicas e prosa, já publicados ou fornecidos pelos próprios editores. O *site* fornece anotações relativas aos textos, referências e comentários. Possui, ainda, recursos de busca e direcionamento dos resultados. Há um mecanismo de procura em que se pode inserir palavras, frases, títulos ou nomes de autores e o *site* mostra as ocorrências por ordem de relevância. Os textos disponíveis neste, *corpus*, estão organizados por século e por gênero.

Outro importante *corpus* existente para análises linguísticas de cunho histórico é o Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG), disponível em <<http://ilg.usc.es/tmilg/>>. É um *corpus* linguístico produzido pela equipe do projeto de investigação de mesmo nome realizado no Instituto da Língua Galega, juntamente com a Secretaria Geral de Política Linguística da Junta de Galícia.

A coordenação do projeto está a cargo do professor doutor Xavier Varela, a equipe é formada por investigadores, bolsistas e colaboradores da Universidade de Santiago de Compostela e da Universidade de Vigo. O *corpus* tem sido, constantemente, alimentado e enriquecido, desde 1993 e foi pensado, inicialmente, para a elaboração de uma gramática histórica. O sistema de consulta permite buscar uma ou várias palavras, frases, gêneros ou autores. O recurso de busca é mais completo e funcional que o do CIPM. Podem-se refinar as buscas, fazendo restrições cronológicas, por gênero, por subgênero ou por obra. Os resultados aparecem em uma tabela de quatro colunas com: a listagem de resultados, a tipologia textual, as formas encontradas e os contextos em que aparecem.

O *corpus* do TMILG abrange, cerca de 16000 unidades textuais distribuídas em 82 obras, representativas das três grandes categorias textuais do galego-português (vale ressaltar que, nas informações do *site*, constam língua galega

medieval e não romance galego-português): a prosa notarial, a prosa não notarial e o verso. Outro dado relevante sobre o TMILG é o fato de que grande parte dos textos disponíveis são de natureza notarial, como pode ser visto na figura gráfico abaixo disponível na descrição do *corpus*.



(Figura 2: Tipos de documentos do TMILG. Fonte: próprio *site*)

Feita a apresentação de outros *corpora on-line* disponíveis e apropriados ao estudo aqui apresentado, segue a apresentação detalhada e as informações relevantes sobre o *corpus* eleito, o do Projeto *Littera*, seus recursos, informações e o método de recolha dos contextos.

### 2.1.1 *Corpora* da base de dados online do Projeto *Littera*

A base de dados do *Projeto Littera*, *edição, atualização e preservação do patrimônio literário medieval português* é resultante do projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sediado no Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. O *corpus* reúne todas as cantigas medievais conhecidas e encontra-se integralmente disponível na base de dados *on-line*.

A professora doutora Graça Videira Lopes é a responsável pela elaboração e execução do projeto e, junto com o professor Manuel Pedro Ferreira (responsável pela área musical) e o professor Nuno Júdice coordena o projeto de pesquisa e a manutenção do *corpus*. Agrega a totalidade das cantigas medievais galego-portuguesas conhecidas, cerca de 1680, que estão organizadas nas três grandes

coletâneas de cantigas medievais: o Cancioneiro da Ajuda, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional e o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana. A Base de dados disponibiliza, ainda, as duas Cantigas de Santa Maria, de autoria de Afonso X, incluídas posteriormente no Cancioneiro da Biblioteca Nacional por motivos desconhecidos.

O site fornece, além das edições de cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses, as iluminuras dos manuscritos e algumas músicas. Há algumas partituras, umas antigas e contemporâneas às cantigas, outras recriações ou versões originais contemporâneas que tomam como ponto de partida os textos das cantigas medievais. A base inclui, ainda, informação sucinta sobre todos os autores nela incluídos, sobre as personagens e os lugares referenciados nas cantigas. Possui uma lista de topônimos e antropônimos, além de notas explicativas, notas de leitura, e comparações entre os cancioneiros quando há modificação na cópia.

O projeto fornece um enquadramento histórico das cantigas, o que facilita a leitura e o entendimento dos temas ali tratados, além de um glossário e do fac-símile dos fólhos originais dos cancioneiros, que podem ser acessados, no site, em ordem sequencial.

Para este estudo em especial, o recurso musical disponível no site não é relevante, embora seja importante frisar que o site dá acesso a arquivos de áudio e informação sobre as produções musicais e seus intérpretes.

Para tratar o *corpus* selecionado, o método eleito por nós é a pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo. A metodologia tradicionalmente adotada em estudos linguísticos de natureza histórica no GESCOG, grupo no qual atuamos, é a leitura integral do *corpus* eleito, ainda que haja muitos pesquisadores em LC trabalhando com linguística de *corpus*.

Para a análise aqui proposta, optamos por restringir o *corpus* ao gênero textual cantiga. Inicialmente, seriam consultadas as cantigas de amor, as cantigas de amigo, as cantigas de escárnio e as cantigas de mal dizer. A metodologia adotada aqui, no entanto, não seguiu a tradição dos estudos de *corpus* de natureza histórica. Limitados pela questão temporal e, conscientes dos recursos que o *corpus*

informatizado disponibiliza, optamos por fazer buscas no site de vocábulos relativos à *velhice*.

Ao buscar metáforas em textos, devem-se analisar as expressões metafóricas que atualizem tais metáforas, pois, nem sempre, a metáfora é materializada no léxico de forma explícita, podendo, inclusive, utilizar-se de expressões novas ou de um campo significativo distante.

Utilizando os mecanismos de pesquisa disponíveis, buscaram-se os seguintes itens: *velha*, *velho*, *velhece*, *velhice* e *velh-* para abarcar as possíveis variações e as contrações. Ao todo, selecionamos 30 cantigas de escárnio e mal dizer, os resultados encontrados foram:

Tabela 1: Número de ocorrências nas cantigas

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>NÚMERO DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>NÚMERO DE CANTIGAS</b>
Velh-	75	30
Velha	51	23
Velho	10	04
Velhece	02	02
Velhice	01	01
Vetula*	01	01

(Fonte: própria autora)

É possível, ainda, fazer uma pesquisa por tema. Buscamos o tema: motivos das sátiras, subtema: *velhice* e foram encontradas 09 ocorrências de cantigas que tem como tema da cantiga a *velhice*. Embora, em algumas das cantigas encontradas a *velhice* não seja o tema principal, é possível acessar, nelas, alguns aspectos relevantes às conceptualizações buscadas.

Feito este procedimento para a busca e seleção dos contextos a serem analisados, o *corpus*, então, restringiu-se às cantigas de escárnio e maldizer, pois cantigas de outra natureza não demonstraram ocorrências dos vocábulos procurados. Tomar este caminho, indo de encontro à tradição metodológica de ler todo o *corpus* disponível, tem as suas consequências. Sabendo que as metáforas conceptuais nem sempre se expressam no léxico e que expressões metafóricas não são a mesma coisa que metáforas, Soriano (2012 p.87) considera que

Es importante distinguir entre metáfora conceptual y expresión lingüística metafórica. Las metáforas conceptuales son esquemas abstractos de pensamiento que se manifiestan de muchas formas, entre ellas el lenguaje. Estas expresiones lingüísticas pueden variar de una lengua a otra, aunque la metáfora conceptual sea la misma<sup>13</sup>.

Comumente se busca na leitura do *corpus* expressões metafóricas que indiquem alguma metáfora conceptual. Ao utilizar esta metodologia de seleção, é certo que algumas metáforas deixarão de ser analisadas. Algumas das cantigas encontradas, mesmo apresentando *velhice* ou alguma variante lexical, não demonstraram nenhuma ocorrência metafórica relativa à *velhice* (cf. tabela 2), antes o vocábulo sendo usado como um qualificador depreciador.

Devido à natureza do *corpus*, faz-se necessário caracterizar o tipo de cantiga com o qual trabalhamos. Segundo a *Arte de Trovar*, um pequeno tratado sobre a arte trovadoresca galego-portuguesa, transcrito no início do Cancioneiro da Biblioteca Nacional, de autoria desconhecida e, também, editado por Lopes *et al.* (2011), com uma descrição resumida no capítulo 5, as cantigas de escárnio:

som aquelas que os trobadores fazem querendo dizer mal d'algúem em elas, e dizem-lho per palavras cobertas que hajam dous entendimentos, pera lhe-lo nom entenderem [...] ligeiramente; e estas palavras chamam os clérigos hequivocatio. E estas cantigas se podem fazer outrossi de meestria ou de refram. E pero que alguns dizem que há i algũas cantigas de juguete d'arteiro, estas nom som mais ca d'escarnho, nem ham outro entendimento. Pero er dizem que outras há i de risabelha, estas ou seram d'escarnho ou de maldizer; e chamam-lhes assi porque riim ende a vezes os homens, mais nom som cousas em que sabedoria nem outro bem haja.

Já no capítulo 6, do mesmo tratado, o autor disserta sobre o que seria uma cantiga de mal dizer:

Cantigas de maldizer som aquela[s] que fazem os trobadores [...] descobertamente e [em] elas entram palavras e[m] que querem dizer mal e nom haver[am] outro entendimento senom aquel que querem dizer chaam[ente]. E outrossi as todas fazem dizer [...].

---

<sup>13</sup> É importante fazer a distinção entre metáfora conceitual e expressão linguística-metafórica. Metáforas conceituais são esquemas abstratos do pensamento que se manifestam de várias formas, entre elas a linguagem. Estas expressões linguísticas podem variar de uma língua para outra, embora a metáfora conceptual seja a mesma. (Tradução nossa).

A natureza jocosa das cantigas de escárnio e mal dizer, gêneros aos quais o *corpus* se restringiu, depois da seleção dos contextos, influenciou nos “tipos” de conceitualizações encontradas. Digo tipos, porque, no percurso teórico deste estudo, indícios mostravam que a *velhice* teria, na Idade Média, conceitualizações positivas e negativas (como ainda o é atualmente), porém, apenas, as negativas foram encontradas no *corpus* eleito através da metodologia de busca adotada.

## 2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA

Eleitos os textos, iniciou-se a leitura atenta dos contextos. Organizamos os resultados encontrados em tabelas, resultados estes que configuram possíveis metáforas que permeiam as conceitualizações da *velhice*. Dizemos possíveis porque, após a identificação de expressões metafóricas e MCIs relativos à *velhice*, procedeu-se uma busca de informações em diversas literaturas do saber humano, sobretudo, estudos sobre psicologia, antropologia, medicina e gerontologia em perspectiva histórica. É válido ressaltar, também, que, ao fazer a leitura das cantigas, procedeu-se a consultas a glossários e dicionários de caráter histórico, a exemplo do glossário de Ferreiro (2014), Machado Filho (2013), Lopes (2011) e Lapa (1996).

A análise e a discussão dos resultados foram alicerçadas nos pressupostos teóricos metodológicos da LC. Confirmamos as hipóteses anunciadas e alcançamos os objetivos, gerais e específicos. Para “rastrear” possíveis modelos cognitivos, entrecruzamos informações interdisciplinares e, por fim, percebemos que um dos MCIs, o da *velhice* como algo, socialmente, preterido, engloba todas as metáforas encontradas no *corpus*.

Outra decisão metodológica importante foi o destaque de vocábulos relevantes nas cantigas analisadas. O critério de seleção foi escolher palavras que, de alguma maneira, integrassem alguma das expressões metafóricas do texto, ou, que sua atualização temporal se fizesse necessária para melhor compreensão do texto. Para atualizar a significação de tais vocábulos utilizamos, sobretudo, o

glossário disponibilizado na própria base de dados do Projeto Littera (LOPES et *al.*, 2011) e o glossário de Ferreiro (2014).



### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este estudo apresenta o mapeamento das expressões metafóricas que dizem respeito à *velhice* em cantigas do período medieval, particularmente, nas cantigas de escárnio e mal dizer, gênero no qual este tema é recorrente, conforme concluímos após a verificação do *corpus*.

Para a análise aqui proposta, consideraram-se os resultados encontrados através da busca de *velh-*, pois ele engloba as outras variantes buscadas e citadas na metodologia. O resultado foram 75 ocorrências em 30 cantigas diferentes, as quais se apresentam esquematizadas na tabela seguir na mesma ordem em que aparecem no resultado de busca na base de dados.

Tabela 2: Caracterização das cantigas selecionadas

CANTIGA	GÊNERO	SÉCULO	AUTORES	METÁFORAS RELATIVAS À VELHICE	OCORRÊNCIAS
<i>A ùa velha quisera trobar</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso Anes do Cotom	Não encontrada	Velha (1x) Velh' (1x)
<i>A la fé, Deus, se nom por Vossa Madre,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Gil Peres Conde	Não encontrada	Velha (1x)
<i>A lealdade da Bezerra, que pela Beira muit'anda,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Airas Peres Vuitorom	Não encontrada	Velha (1x) Vetula (1x)
<i>Achei Sanch[a] Anes encavalgada,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso X	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Ai dona fea, fostes-vos queixar,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Garcia de Guilhade	Não encontrada	Velha (3x)
<i>Contar-vos-ei costumes e feituraz</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Fernão Soares de Quinhones	Não encontrada	Velh' (1x)
<i>Covilheira velha, se vos fizesse</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso Anes do Cotom	VELHO É ALGO/PESSOA RUIM	Velha (9x)
<i>Direi-vos eu d'um</i>	Escárnio e	XIII	Afonso X	Não encontrada	Velha (2x)

<i>ric'home</i>	Maldizer				
<i>Direi-vos ora que oí dizer</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Vasques de Talaveira	Não encontrada	Velha (4x)
<i>Dom Foam disse que partir queria</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Garcia de Guilhade	Não encontrada	Velha (3x)
<i>Elvir', a capa velha dest'aqui</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pedro Amigo de Sevilha	VELHO É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO	Velha (4x) Velh' (4x)
<i>Fernand'Escalho leixei mal doente</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero Garcia Burgalês	Não encontrada	Velho (2x)
<i>Maria Balteira, que se queria</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pedro Amigo de Sevilha	Não encontrada	Ferivelha* (2x)
<i>Maria Leve, u se maenfestava,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Vasques de Talaveira	VECLHICE É PECADO VELHICE É PERDIÇÃO	Velh' (3x)
<i>Maria Negra, des[a]venturada!</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero Garcia Burgalês	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Marinha Crespa, sabedes filhar</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero da Ponte	Não encontrada	Velho (3x)
<i>Martim Alvelo,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Soares Coelho	VELHICE É ORGANISMO VIVO	Velhece (1x)
<i>Meus amigos, tam desaventurado</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pedro Amigo de Sevilha	Não encontrada	Velha (1x) Velh' (1x)
<i>O meu senhor o bispo, na Redondela, um dia,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Airas Nunes	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Ora vej'eu que est'aventurado</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero Garcia de Ambroa	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Orraca López vi doente um dia</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso Anes do Cotom	VELHICE É DOENÇA	Velha (3x) Velhece (1x) Velhice (1x)
<i>Par Deus, amigos,</i>	Escárnio e	XIII	João Baveca	Não encontrada	Velha (3x)

<i>gram torto tomei</i>	Maldizer				
<i>Por en Tareija Lópiz nom quer Pero Marinho:</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso Soares Sarraça	Não encontrada	Velho (1x)
<i>Querri'agora fazer um cantar,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero Garcia de Ambroa	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Se eu no mundo fiz algum cantar,</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Pero Garcia de Ambroa	Não encontrada	Velha (2x)
<i>Sedia-xi Dom Bepelho em ùa sa Maison</i>	Gesta de maldizer	XIII	Afonso Lopes de Baião	Não encontrada	Velho (4x) Velh' (1x)
<i>Traj'agora Marinha Sabugal</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso Anes do Cotom	Não encontrada	Velha (3x)
<i>- Ùa pergunta quer'a el-rei fazer</i>	Tenção	XIII	Garcia Peres, Afonso X	VELHO É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO	Velha (2x)
<i>Um escudeiro vi hoj'arrufado</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	João Baveca	Não encontrada	Velha (1x)
<i>Vi um coteife de mui gram granhom</i>	Escárnio e Maldizer	XIII	Afonso X	Não encontrada	Velha (1x)

(Fonte: própria autora)

Das trinta cantigas selecionadas, seis apresentavam, segundo a nossa análise, metáforas conceptuais relativas à *velhice*, as quais estão devidamente sinalizadas, na tabela antes mencionada. Outras metáforas foram cogitadas por nós, além das seis analisadas, aqui, porém, por falta de elementos linguísticos suficientes nos contextos que corroborassem tais metáforas, optamos por não incluí-las na análise.

### 3.1 UMA OCORRÊNCIA PECULIAR NO *CORPUS*

A cantiga *Maria Balteira, que se queria*, de Pedro Amigo de Sevilha, aparece como o décimo terceiro resultado da busca tal como a procedemos. Nela, regista-se o vocábulo *ferivelha*, cujo significado não consta do glossário de Lopes et al. (2011). No Glossário da poesia medieval profana galego-portuguesa, produzido pelo Grupo de Investigação Linguística e Literária Galega (ILLA), da Universidade de Corunha, regista-se o significado para tal vocábulo como: “uma ave de agouro, provavelmente uma águia” (FERREIRO, 2014).

Os motivos pelos quais mantivemos esta cantiga como parte do *corpus* são: primeiro, correspondeu ao método de busca e investigamos se se trataria de uma expressão ou palavra composta. Segundo, porque, na própria base de dados, a equipe de edição fornece uma nota geral sobre a cantiga que nos levou a entender que este vocábulo, no contexto, é passível de mais de uma leitura. Vejamos o texto completo.

Maria Balteira, que se queria  
ir já daqui, veo-me preguntar  
se sabia já quê d'aguiraria,  
ca nom podia mais aqui andar.

**5** E dixi-lh'eu log'entom: - Quant'en sei,  
Maria Pérez, eu vo-lo direi.  
E diss'ela log'i que mi o gracia.

E dix'eu: - Pois vos ides vossa via,  
a quem leixades o voss'escolar?

**10** Ou vosso filh'é vossa companhia?

[Diss'ela]: - Por en vos mand'eu catar  
que vejades nos aguiros que hei  
como poss'ir; e mais vos en direi:  
a meos desto, sol nom moveria.

**15** E dixe-lh'eu: - Cada que vos deitades,  
que estornudos soedes d'haver ?

E diss'ela: - Dous hei, ben'o sabiades,  
e u[u]m hei, quando quero mover;  
mais este nom sei eu bem departir.

**20** E dix'eu: - Com dous bem poderíades ir,  
mais u[u]m manda sol que nom movades.

E dixi-lh'eu: - Pois aguiro catades,  
das aves vos ar convém a saber  
vós, que tam longa carreira filhades.

**25** Diss'ela: - Eesso vos quer'eu dizer:  
hei ferivelha sempr[e] ao sair.

E dixi-lh'eu: - Bem podedes vós ir  
com ferivelha, mais nunca tornades

(LOPES et *al.*, 2011)

A equipe de edição fornece a seguinte nota geral sobre a cantiga na base de dados:

Retrato de uma Maria Balteira interessada nas previsões dos agoiros, dado ter decidido partir em viagem. Toda a cantiga é um diálogo equívoco entre a soldadeira e o trovador, que no final, entre várias alusões escatológicas, acaba por lhe chamar **velha**. (LOPES et *al.* 2011, grifo nosso).

Outro recurso, apresentado pela base de dados, são notas de leitura para trechos específicos. Para a primeira ocorrência de *ferivelha*, que ocorre já ao fim da cantiga, Lopes et *al.* (2011) fornecem a seguinte nota: “Certamente a ferverlha, uma pequena ave irrequieta, igualmente utilizada nos agoiros medievais (mas ainda hoje no Norte de Portugal se chamam "fervelhas" as crianças irrequietas)”. A última nota de leitura fornecida, para esta cantiga, refere-se aos dois últimos versos e pontua que:

Numa primeira leitura, o trovador diz-lhe que essa ave é de bom augúrio para a partida, embora indicando que ela não regressaria nunca. Mas há certamente um duplo sentido nesta resposta de Pedro Amigo. Assim, note-se que talvez seja possível desdobrar equivocadamente o nome da ave em fer-i-velha, num sentido que seria "bem podeis vós ir aí ferozmente, **velha**, mas não volteis (ou havereis de voltar) nunca mais". É uma sugestão de leitura para um final que será tudo menos inocente. (LOPES et al., 2011. grifo nosso).

A partir das informações disponíveis, concluímos que esta cantiga não nos oferece dados suficientes que colaborem com a busca às possíveis conceptualizações da *velhice*. Se, por um lado, a equipe afirma, na nota geral, que o trovador chama Maria Balteira de velha, por outro, na nota de leitura referente ao trecho, ressaltam que a possibilidade de fragmentar o vocábulo em fer-i-velha é equivocada. Não encontramos nenhuma referência a este vocábulo fora desta cantiga, nem mesmo em buscadores *online* que tem um grande alcance (Google Acadêmico). As duas abonações fornecidas pelo glossário de Ferreiro (2014), também, são retiradas da cantiga, aqui, analisada.

As outras cantigas selecionadas foram lidas e analisadas. Em todas as leituras, utilizamos os glossários, antes mencionados, como apoio para a compreensão dos textos e para evitar equívocos com as palavras que, por ventura, hoje apresentem um significado deveras distinto do que era, no período medieval, embora mantenham uma escrita igual ou muito próxima das encontradas nos textos.

Apresentamos a seguir a esquematização e a análise das metáforas encontradas.

### 3.2 AS METÁFORAS CONCEPTUAIS DA VELHICE

Após a leitura atenta dos textos selecionados, encontramos as seguintes metáforas conceptuais relativas à *velhice*:

Tabela 3: Domínios Fontes e Domínios Alvos das metáforas encontradas

DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO-FONTE
VELHICE	PECADO
	PERDIÇÃO
	DOENÇA
	ORGANISMO VIVO
	ALGO/PESSOA RUIM
	ALGO/PESSOA GASTO/ESTRAGADO

(Fonte: própria autora)

As análises que seguem são propostas de interpretação dos contextos analisados no *corpus*. Algumas foram mais facilmente identificadas e corroboradas por literaturas interdisciplinares que, de alguma maneira, versam sobre o tema da *velhice*. Notamos que, enquanto algumas metáforas possibilitaram a busca e o encontro de estudos relacionados, outras se mostraram menos produtivas ou, ainda, metáforas pontuais de determinado contexto. O que não significa que não haja algum estudo ou registro de ocorrência delas. Significa, apenas, que não os encontramos.

### 3.2.1 VELHICE É PECADO

Na cantiga *Maria Leve, u se maenfestava* de João Vasques de Talaveira, identificamos a metáfora VELHICE É PECADO. Maria Leve, ao se confessar ao capelão, se lamenta pelos seus pecados, porém, ressalta que o pecado que mais lhe pesa (desagrada) é o da *velhice*. Tem a consciência das ações pecaminosas que cometeu, ao longo da vida, como manter relações sexuais, isto porque a sociedade da época era fortemente penetrada pelos valores da Igreja Cristã que pregava que uma vida virtuosa pressupunha uma vida sexual inexistente, possível na relação conjugal, mas sem prazer, visando, apenas, à procriação. Considerando o estabelecimento do cristianismo como religião oficial da sociedade romana em 392 d.C, Hilário (2001) afirma que:

A virgindade tornou-se um grande valor, seguindo os modelos de Cristo e sua mãe. Vinha depois a castidade: quem já havia pecado podia em parte compensar essa falta abstendo-se de sexo pelo restante da vida. (HILÁRIO, 2001, p.172).

Porém, na perspectiva de Maria Leve, o que a faz perdida é o fato de ser velha e não exatamente os pecados outros que cometeu, como podemos ver na cantiga seguinte:

Maria Leve, u se maenfestava,  
darei-vos ora o que confessava:

- São velh', ai capelam!

Nom sei hoj'eu mais pecado[r] burguesa  
5 de mim; mais vede-lo que mi mais pesa:  
são velh', ai capelam!

Sempr[e] eu pequei, des que fui foduda,  
pero direi-vos per que [som] perduda:  
são velh', ai capelam!

(LOPES et *al.*, 2011)

Tabela 4: Vocábulos relevantes (*Maria Leve, u se maenfestava*)

<b>VOCÁBULOS RELEVANTES</b>	
Maenfestar-se	Confessar-se
Perdudo	Perdido
Pesar	Custar, desagradar, desgosto

(Fonte: própria autora)

Os vocábulos destacados, na tabela antes apresentada, foram selecionados de forma a viabilizar o entendimento da cantiga. São relevantes, ao nosso ponto de vista, para sustentar a leitura que procedemos e a constatação que chegamos.



*Maifestava e confessava* fazem parte, nesta cantiga, de expressões metafóricas que remetem à metáfora da *velhice* como pecado.

Cocentino (2008), professora mestre em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), aborda, em sua dissertação de mestrado, *Envelhecimento e Cultura: As perdas na velhice à luz de obras de Gabriel García Márquez*, aspectos relevantes sobre a associação do pecado com a *velhice* na Idade Média. Segundo a autora, a conceptualização da *velhice* era dual, podendo estar relacionada com religiosidade, misticismo, sabedoria e proximidade com Deus. Porém, havia, também, a concepção cristã de que a *velhice* é a última fase da vida e, conseqüentemente, uma preparação para o inevitável fim. Cocentino (2008) retoma as ideias de Muchinik (2005) quando afirma que:

a velhice é representada socialmente por sua proximidade aos momentos finais da vida e, também, da providência divina. No entanto, alguns autores da época explicitam ainda mais a relação entre velhice e religião. Argumentam que a tristeza e a falta de energia vistas como características da velhice seriam decorrências de pouca fé e proximidade do pecado (COCENTINO, 2008 p.93).

Se, por um lado, a *velhice* era vista como sinônimo de sabedoria, ideia professada, inclusive, por pessoas do clero, a associação da *velhice* com o pecado, no entanto, explicitava certa ambigüidade na forma como os velhos eram conceptualizados pela sociedade daquele tempo. Cocentino (2008), com base no estudo de Minois (1990), conclui que:

Santo Agostinho não dirá outra coisa no seu primeiro tratado sobre a Epístola de São João, onde estabelece a equivalência entre o pecador e o homem de idade e entre a criança e o homem regenerado. Aliás, ao comentar uma passagem de Isaías, “enquanto vós envelheceis, eu continuo o mesmo”, faz a seguinte distinção: aqueles que louvarem a Deus terão os cabelos brancos da sabedoria, enquanto os outros hão de ver seu corpo enfraquecer. (COCENTINO, 2008, p.94).

Segundo o que foi observado por Cocentino (2008), os estereótipos negativos acerca da *velhice* ganham força, no fim da Idade Média, quando são enfatizadas as limitações físicas da *velhice*. Entretanto, nesse mesmo período, aparece algum interesse pelas virtudes associadas à *velhice*, já que se começa a destacar, também, a relação do corpo com a alma. A associação da *velhice* com o sagrado

envolve preconceitos que encabeçaram uma das maiores atrocidades religiosas da história medieval. As bruxas, figuras marcantes no imaginário social desse período, eram quase sempre mulheres velhas ou homens, também, de idade avançada, aspecto que reforça a conceptualização negativa que a sociedade daquela época compartilhava sobre a *velhice*.

Nesse contexto, apesar da velhice encontrar-se atrelada à sabedoria, ela conduziria à morte, assim como o pecado. Velhice e pecado são, portanto, vistos como momentos ou situações repugnantes. O velho, com suas debilidades, corporifica o pecado na Idade Média. (COCENTINO, 2008, p.94).

A historiadora Raquel Homet (1997), em seu livro *Los viejos y la vejez en la Edad Media: Sociedad e imaginario*, tece algumas considerações sobre a *velhice* medieval obtidas a partir da análise de um conjunto documental vasto e heterogêneo. Organizado em dois grandes blocos, o livro em questão trata de retratos da condição social do idoso e da consideração da *velhice* e suas representações na longa duração da história castelhana que vai do século V ao XV. Entretanto, esta obra foi de difícil acesso via meio digital e/ou físico, restringindo-se o nosso contato com ela à citações em texto historiográficos e de diversas áreas dos saberes que se interessam pelo estudo da *velhice*, quais sejam, psicologia, psicogerontologia, geriatria, gerontologia, antropologia e história.

As pesquisadoras Mari Paz Martínez Ortega, María Luz Polo Luque e Beatriz Carrasco Fernández, as duas primeiras professoras de Enfermagem Geriátrica, e, a última professora de Enfermagem Comunitária da Universidade de Alcalá, compilaram, no artigo *Visión Histórica del Concepto de Vejez desde la Edad Media*, relevantes considerações sobre a concepção da *velhice* através dos tempos. Observações de caráter social, religioso, econômico e artístico. Elas trazem uma interessante afirmação sobre a relação da *velhice* na Idade Média com o pecado:

El cristianismo no sentirá especial interés por los viejos. Para los escritores cristianos, la vejez es un problema abstracto, simbólico. Solo les interesa la fealdad de los viejos porque les proporciona una buena imagen del pecado. La vejez es claramente un mal, un castigo divino, y por el contrario, el Paraíso es el lugar de la eterna juventud. Un viejo que gozase de buena salud solo podía explicarse por una

intervención diabólica o por un favor divino en un ser virtuoso<sup>14</sup>. (ORTEGA; LUQUE; FERNÁNDEZ, 2002, p. 41).

Após elencarem de forma objetiva e clara as principais mudanças no que diz respeito às pessoas idosas ao longo da história e de como a sociedade interagiu com elas, as autoras concluem que “El rechazo de la vejez se manifiesta, como ya se ha expuesto, de modo diferente según cada sociedad y cultura pero siempre está presente<sup>15</sup>” (p.45).

Podemos considerar que o imaginário religioso e sua grande influência social foram os propulsores desta associação da *velhice* com o pecado. Ideais religiosos impostos à população, além de inúmeras interpretações de passagens bíblicas, fortaleceram e frutificaram a relação do estado de *velhice* com o acúmulo de pecados, algo como: quanto mais se vive mais se peca.

O prolongamento da vida não é desejável. A vida prolongada é especialmente rica em fadigas. Elas não são realmente, ou não apenas, uma condição biológica, mas remontam à soberba do homem em relação a Deus. São dessa forma uma consequência da propensão humana para o pecado. (SPRANDEL, 1986, p.111).

Havia, na Idade Média, uma ampla tradição de escritos que visavam a interpretar o “Livro Sagrado”, as exegeses. Trechos da Bíblia eram selecionados e interpretados de modo a servir de sermão para as cerimônias e atividades sacras. Religiosos como Santo Agostinho, por exemplo, escreveram longos sermões nos quais relacionava a *velhice* e o pecado, como se uma coisa levasse à outra.

Outra tendência mais importante da exegese da Alta Idade Média é a que se vincula a uma antiga ligação alegórica entre *senectus* e *peccatum* e que, ao mesmo tempo, de certo modo retoma o antigo gênero dos escritos de censura e queixa contra a velhice. Cassiodoro abordava a proximidade entre velhice e pecado no comentário ao *Salmo 70*, 9-18, por meio de explicações de certa forma

---

<sup>14</sup> O cristianismo não sentirá especial interesse pelos velhos. Para os escritores cristãos, a velhice é um problema abstrato, simbólico. Só lhes interessa a feiura dos velos, porque lhes proporciona uma boa imagem do pecado. A velhice é claramente um mal, um castigo divino, e, pelo contrário, o paraíso é o lugar da eterna juventude. Um velho que gozasse de uma boa saúde só poderia ser explicado por uma intervenção diabólica ou por um favor divino a um ser virtuoso. (Tradução nossa).

<sup>15</sup> A rejeição da velhice se manifesta, como já foi exposto, de forma diferente de acordo com cada sociedade e cultura, mas está sempre presente.

antropológica, isto é, por meio de processos físicos e psíquicos: o homem precisa do auxílio de Deus quando *rubor anime*, a força da alma, envelhece e a *patientia* o abandona na luta contra o pecado. Juntamente com essa interpretação antropológica, tinha influência na história da exegese uma metáfora simples: **velhice igual a pecado**, à qual antes disso Jerônimo fora inspirado pelo versículo *Romanos 6,6*: “Sabemos que o nosso velho homem está crucificado junto com Cristo, para que o corpo pecador seja destruído”. (SPRANDEL, 1986, p.113, grifo nosso).

Se considerarmos a Bíblia como um livro muito antigo e que fornece, também, dados históricos e sociais, podemos refletir sobre a possibilidade desta metáfora VELHICE É PECADO ser mais antiga, anterior à Idade Média. Porém, considerando aspectos como: problemas de traduções, incertezas sobre a origem e autoria dos livros, mudanças histórico-sociais radicais e narração de fatos fantásticos e mitológicos de caráter doutrinário, há de considerá-lo com cautela e ressalvas. O fato é que é um livro e alguém (ou alguns) o escreveu (ou escreveram), e todo falante (ou neste caso escritor) está inserido cultural e temporalmente em sua sociedade e acaba por transmitir traços dela em sua linguagem.

Alguns religiosos pregavam que a “A velhice é a falta de força para a virtude, é a propensão do pecado” (SPRANDEL, 1986, p. 113) e muitos versículos da Bíblia eram utilizados para discutir essa associação. O salmo 6,8 “meus olhos estão turvos, estou velho entre os meus inimigos” é utilizado, segundo Sprandel, também, com este fim.

A velhice como pecado foi de preferência convertida na comparação com a roupa velha, que não serve para nada. [...] O autor escreve a respeito desse versículo: “A roupa velha anuncia a morte de todos, a morte terrena”. Dessa forma, o exegeta reaproxima-se do significado terreno também da velhice. Velhice e morte relacionam-se intimamente. Mesmo assim, ao retomar a comparação tradicional da roupa velha, o exegeta também manteve a equiparação tradicional entre velhice e pecado. **A significação da velhice como pecado** funde-se, dessa forma, com a relação terrena da velhice com a morte. Pode-se constatar aí uma reação às tendências do início da Alta Idade Média. A inquietude provocada pela morte terrena vincula-se à problemática do pecado. Ela é utilizada pastoralmente para tornar mais presente à noção de pecado. (SPRANDEL, 1986, p. 113-114, grifo nosso).

A doutrinação para evitar os pecados era frequente, na Idade Média. E se antes havia uma ampla dualidade na conceptualização da *velhice*, a partir do século

XIII, ela passou a ser, cada vez mais, negativa e utilizada como materialização do pecado, nos sermões doutrinários e em outros escritos medievais. Sprandel (1986) afirma que:

Entre os homens, o peso da velhice ameaçando a alma aparece cada vez mais a partir de 1200. O vínculo entre a moral da velhice e o medo da morte fica especialmente claro na recepção do *De Senectute*, de Cícero, no âmbito da exegese de Jean Hesdin a Tito. (SPRANDEL, 1986, p.114).

O historiador medievalista Hans-Henning Kortüm da Universidade de Tübingen, na Alemanha, em seu livro *Pessoas e mentalidades: Introdução ao mundo das ideias da Idade Média* (1996), corrobora a afirmação de Sprandel anteriormente citada.

Dass zeitlich später entstandene Psalmenkommentare zu einer ungleich pessimistischeren und realistischeren Deutung von Alter neigen (Alter als das Ergebnis physiologischer Prozesse) als zeitlich frühere, bei denen verstärkt symbolisch-mystische Interpretationen des Alterungsprozesses (z.B. alt sein und alt werden durch Sünde, senectus vitiorum) zu konstatieren sind<sup>16</sup>. (KORTÜM, 1996, p.13).

Em termos gerais, a forte influência do Cristianismo, juntamente com outros aspectos sociais e condições precárias de saúde e baixa expectativa de vida, impunha uma visão negativa da *velhice*. Do ponto de vista religioso, deixa-se de lado a *velhice* que pressupunha moral e sabedoria, e a associa com decrepitude, feiura e pecado.

A questão da relação feiura/pecado e feiura/*velhice* é algo a ser considerado. Hilário (2001), em seu livro *A Idade média: nascimento do ocidente*, aborda aspectos gerais da sociedade medieval. No que diz respeito à noção de beleza e de pecado, ele afirma que, segundo o imaginário da época, os traços genéticos eram atribuídos aos sujeitos segundo critérios sociais e religiosos:

E a genética deu aos nobres boas condições, de força, de beleza. Daí o fato de o clero, grupo social que não se auto-reproduz (*sic*)

---

<sup>16</sup> Formaram-se mais tarde no tempo comentários de Salmos sobre uma interpretação pessimista e realista da idade (idade como o resultado de processos fisiológicos) como antes ocorria, em que interpretações cada vez mais simbólico-místicas do processo de envelhecimento (por exemplo, ser velho e tornar-se velho pelo pecado, *senectus vitiorum*) eram indicados. (Tradução nossa).

devido ao celibato, requisitar seus membros na nobreza, toda ela “de sangue de reis”, portanto algo sagrada. Ao contrário, a natureza reservou aos servos o trabalho, a tarefa de por meio do seu esforço, do suor do seu rosto, alimentar os demais. Feios e grosseiros (como os textos repetem à saciedade), os servos expressavam por essas características físicas sua condição de pecadores. O trabalho era imposto a eles como forma de resgatar as faltas. Era uma penitência. (HILÁRIO, 2001, p.121).

Assim como ocorre com o pecado, a *velhice*, no período medieval, também, está relacionada com “traços feios e grosseiros”. Analisando algumas das cantigas selecionadas para este estudo, percebe-se, claramente, que o ideal de beleza vai de encontro à concepção de *velhice*, sendo o qualificador “feia” usado em várias cantigas relacionado à *velhice*, mais especificamente, à figura da mulher velha.

Tabela 5: Relação velhice/feiura

CANTIGA	AUTOR	CONTEXTO
A la fé, Deus, se nom por Vossa Madre	Gil Peres Conde	Faria-m'eu o que nos vós fazedes: le[i]xar <b>velhas feas</b> , e as fremosas e mancebas filhá-las por esposas
Meus amigos, tam desaventurado	Pedro Amigo de Sevilha	Meus amigos, tam desaventurado me fez Deus, que nom sei hoj'eu quem fosse no mund'em peor ponto nado, pois ùa dona [mi] fez querer gram bem, <b>fea e velha</b> , nunca eu vi tanto; [...] jasc'eu morrendo d'amor, e sem falha, polo seu <b>rostro velh'e enrugado</b> . E desta dona muito bem diria, se mi val[vesse]...
Ai dona fea, fostes-vos queixar	João Garcia de Guilhade	Ai <b>dona fea</b> , fostes-vos queixar que vos nunca louv'en[o] meu cantar; mais ora quero fazer um cantar em que vos loarei todavia; e vedes como vos quero loar: <b>dona fea, velha</b> e sandia!

(Fonte: própria autora)

### 3.2.1.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PECADO

Na cantiga analisada, o conceito de VELHICE é estruturado em termos de PECADO. Esta construção mental é abalizada pelo contexto social e cultural da Idade Média em que o domínio da *velhice* seria mais concreto e o domínio de pecado seria mais abstrato, assim considerados por nós: a *velhice* por ser uma condição biológica experienciada com o próprio corpo e o pecado por ser uma noção religiosa fincada em preceitos religiosos subjetivos à noção de ação/punição/recompensa. O que contraria a noção usual de que a conceptualização ocorre, sempre, de um domínio mais concreto para outro mais abstrato.

A base experiencial acessada, nesta metáfora, é a condição iminente de morte causada, segundo a crença sócio-religiosa, pelo pecado ou pela *velhice* ou pela relação de ambos. Uma condição biológica a qual todos os seres humanos serão submetidos um dia, pecadores ou não.

A partir das informações anteriormente citadas, podemos perceber que se destacam determinados aspectos do domínio-fonte e projetam-se no domínio-alvo, quais sejam: proximidade da morte e deformação do aspecto físico. São associações parciais, pois outros aspectos do pecado como, por exemplo, a possibilidade de ser eliminado (perdoado), através de confissão e penitência, não se aplicam à esta conceptualização da *velhice*.

Expressões metafóricas elaboradas com os itens léxicos, **confessava** e **maenfestava**, juntamente com a análise de literaturas de diversas áreas do saber consultadas neste estudo, que de alguma forma versam sobre o contexto social em que o texto está inserido, corroboram a análise aqui proposta.

### 3.2.2 VELHICE É PERDIÇÃO

Na cantiga *Maria Leve, u se maenfestava*, de João Vasques de Talaveira, identificamos, também, a metáfora VELHICE É PERDIÇÃO, conforme podemos ver, no fragmento da cantiga que segue.

[...]

Sempr[e] eu pequei, des que fui foduda,

pero direi-vos per que [som] **perduda**:

são velh', ai capelam!

(LOPES et *al.*, 2011, grifo nosso)

Maria Leve tem consciência de sua condição de pecadora e de estar perdida e, para ambos, ela acredita que o motivo é o de ser velha. Esta metáfora está, diretamente, relacionada à metáfora anterior, VELHICE É PECADO, pois a ideia de pecado como motivo que impede a alma de ser salva, ou seja, a perdição, pode ser acessada no contexto, sendo, inclusive, ratificada por dicionários de caráter histórico.

O dicionário de Antonio de Moraes Silva (1789) trás as seguintes acepções para o item léxico perdição: 'ruína', 'estrago', 'condenação' e usa como exemplo a frase "perdição da alma". Já o dicionário de Raphael Bluteau (1728) trás as seguintes acepções para esse vocábulo: 'perda total', 'condenação eterna', 'tirar alguém do caminho', e, neste caso, interpretamos "caminho" como um conceito religioso, o caminho até a "palavra de Deus", como podemos depreender do seguinte trecho bíblico: "Disse-lhe Jesus: eu sou o **caminho**, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (JOÃO, 14:6) (grifo nosso).

Seria esta uma intensificação da metáfora VELHICE É PECADO? Já que a perdição seria o fim de tudo? O pecado pode ser perdoado, de acordo com a ideologia cristã, mediante confissão<sup>17</sup>, arrependimento e penitência. A perdição,

---

<sup>17</sup> A noção de confissão tem uma fundamentação bíblica. Segundo o livro de Jó (20: 21-23), Jesus Cristo teria dado aos doze apóstolos o poder de perdoar os pecados. A confissão é um sacramento que envolve a remissão de pecados perante um padre (presbítero) ou bispo que neste momento atua



entretanto, é a morte eterna, a não salvação da alma, segundo podemos atestar nas seguintes palavras da Bíblia:

Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a **perdição**; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. (FILIPENSES, 3:18-20).

Os quais, por castigo, padecerão **eterna perdição**, longe da face do Senhor e da glória do seu poder. (2 TESSALONICENSES, 1:9).

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à **perdição**, e muitos são os que entram por ela. (MATEUS, 7:13).

Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a **perdição**, mas daqueles que crêem para a **conservação da alma**. (HEBREUS, 10-39)<sup>18</sup>.

### 3.2.2.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É PERDIÇÃO

Na cantiga analisada, o conceito de VELHICE é estruturado em termos de PECADO e, também, em termos de PERDIÇÃO. Esta construção mental é abalizada pelo contexto social e cultural da Idade Média, que era, fortemente, influenciado por valores cristãos, como já mencionamos no tópico anterior.

O domínio da *velhice* seria mais concreto e o domínio de perdição seria mais abstrato, talvez, até mais abstrato do que o próprio conceito de pecado, por se tratar de uma noção religiosa fincada em preceitos religiosos subjetivos à noção de ação maléfica/ausência de arrependimento ou tentativa de reparação/punição severa.

---

em nome de Cristo, e o recebimento do perdão divino das faltas confessadas e de uma penitência (reparação de danos causados pelo pecado). É praticado na Igreja Católica, na Igreja Ortodoxa e em algumas comunidades religiosas da Igreja Anglicana. A Igreja Católica pune automaticamente com excomunhão qualquer sacerdote que revelar o que lhe foi dito em confissão. (Fonte: *Wikipedia.org*).

<sup>18</sup> Trechos retirados do site *Bíblia on-line*. (Grifos nossos).

A base experiencial acessada, nesta metáfora, é a ausência da possibilidade de salvação da alma quando da morte, como poderia acontecer com o pecado, conforme já pontuamos. Assim, podemos relacionar os seguintes conceitos: a *velhice* leva à morte, o pecado leva à morte, pecados graves levam à perdição. Seria, então, a *velhice* um pecado grave?

A partir das informações anteriormente citadas, podemos perceber que se destacam determinados aspectos do domínio-fonte e projetamos no domínio-alvo. Enquanto a *velhice* seria a “causa” da morte, a perdição seria uma consequência dela (da morte), isto, porém, dependeria do “tipo de comportamento” que o indivíduo desenvolveu em vida e da sua proximidade com os preceitos religiosos apregoados à época.

Podemos considerar o vocábulo **perduda** (*pero direi-vos per que [som] perduda: são velh', ai capelam!*) como integrante de uma expressão metafórica que, juntamente com a análise aqui proposta, corroboram a metáfora VELHICE É PERDIÇÃO.

### 3.2.3 VELHICE É DOENÇA

Na cantiga *Orraca López vi doente um dia*, de Afonso Anes do Cotom, a VELHICE é conceptualizada como DOENÇA. O autor começa a cantiga dizendo que a viu doente e, logo em seguida, a própria Orraca López revela qual seria a sua doença, a *velhice*.

O *corpus online* do qual o texto foi retirado (LOPES et al., 2011) apresenta a seguinte nota geral: “chufa a uma velha soldadeira a partir da ideia geral de que a **velhice é uma doença incurável**. Nos manuscritos, a cantiga seguinte retoma o tema (grifo nosso)”. A cantiga seguinte à qual a nota se refere é *A ãa velha quisera trobar*, também, de Afonso Anes de Cotom, na qual ele segue escarnecendo Orraca López. Segundo a cantiga, esta havia pedido a Cotom que não trovasse a nenhuma velha ali, que antes trovasse a ela, porém, podemos identificar, no contexto,

escárnio e ironia, já que ambos reconhecem, na cantiga anterior, o estado de *velhice* em que Orraca se encontrava.

Assim como eram consideradas as doenças no contexto temporal desta cantiga, a *velhice*, aqui, parece estar atrelada à vontade divina que decide quem morre e quem vive, a partir da sua condição de velho ou doente. Segundo Kortüm, (1996):

Man muss nur an das antike Sprichwort "**Wen die Götter lieben, der stirbt jung**" erinnern, an die enge Verbindung von Schönheit, Jugend und Gesundheit, an eine Antike, der Krankheit, Alter und Siechtum sehr häufig als grösstes Übel galt und die deshalb auch teilweise (Beispiel Sparta) vor der Tötung Neugeborener nicht zurückschreckte<sup>19</sup>. (KORTÜM, 1996, p.3, grifo nosso).

Es gab also einen Bereich innerhalb der mittelalterlichen Gesellschaft, nämlich die Kirche, die eine christliche Auffassung von Krankheit und Tod, als deren Urheber Gott galt, durchsetzen half. Daraus kann, muss nicht, eine positive Interpretation von Krankheit und Tod resultieren. Krankheit kann in einer interpretatio Christiana als **Prüfung Gottes gedeutet werden, geduldiges Ertragen von Krankheit ist Ausdruck wahren Christentums**<sup>20</sup>. (KORTÜM, 1996, p.4, grifo nosso).

Medievalistas que abordam a relação da *velhice* com a doença tratam, também, da relação da *velhice* com o pecado e de todas elas com a morte (SPRENDEL (1986) e KORTÜM (1996)). Conceitos encarados e compreendidos sob o prisma da religião, já que a sociedade da época era fortemente penetrada pelos valores da Igreja Cristã, como se pode ver, na cantiga a seguir, na qual o autor diz a Orraca Lopes que viva enquanto Deus a deixe viver.

---

<sup>19</sup> Deve-se apenas um antigo ditado lembrar "**A quem Deus ama, morre jovem**", uma limitada ligação de beleza, juventude e saúde, na antiguidade, a doença, velhice e enfermidade eram muito frequentemente relacionadas como os grandes males e por isso também em parte (por exemplo, Sparta) não tinham medo de matar recém-nascidos. (Tradução nossa)

<sup>20</sup> Havia, portanto, uma área dentro da sociedade medieval, denominada igreja, uma das interpretações cristã de doença e morte, como que o autor era Deus, ajudou às impor. Dai não deve resultar em uma interpretação positiva de doença e morte. Doença pode ser interpretada em uma *Interpretatio Christiana* como **teste de Deus, a perseverança da doença é uma expressão da verdadeira cristandade**. (grifo nosso)

Orraca López vi doente um dia  
e perguntei-a se guareceria;  
e disse-m'ela, tod'em jograria:  
- São velha e cuid'a guarecer.

**5** E dixе-lh'eu: - Cuidades gram folia,  
ca i mais vej'eu das velhas morrer.

[E] dixе-lh'eu: - Gram folia pensades,  
se per velhece a guarecer cuidades;  
pero nom vos dig'eu que nom vivades  
**10** quanto vos Deus quiser leixar viver  
mais em velhice nom vos atrevades,  
ca i mais vej'eu das velhas morrer.

(LOPES et al., 2011)

Tabela 6: Vocábuloѕ relevantes (*Orraca López vi doente um dia*)

VOCÁBULOS RELEVANTES	
Cuidar	Pensar, opinar
Folia	Loucura
Guarecer	salvar-se, viver, salvar, livrar, curar-se, curar, ganhar a vida, manter-se com vida.
Jograria	Brincadeira, profissão, arte de jogral

(Fonte: própria autora)

Analisando a cantiga, percebemos que, ao ver Orraca López doente, o trovador pergunta se ela guareceria (se curaria) e ela responde em tom de brincadeira (jograria) que era velha e cuida (pensa) em se cuidar. Como resposta, ele a diz que ela pensa grande folia (loucura), pois disso (da *velhice*) mais vê ele as velhas morrerem. Os vocábuloѕ em destaques foram selecionados para viabilizar o entendimento da cantiga e evidenciar a nossa leitura.

Para entender a metáfora, aqui, apresentada, é preciso considerar o contexto social, no que tange ao trato com a saúde das pessoas em geral e mais especificamente dos velhos. Os conhecimentos da medicina medieval eram limitados. Em alguns locais mais afastados das cidades, as doenças eram, ainda, tratadas por curandeiros e ervas medicinais como afirma Le Goff *et al.* (1989, p.18):

Nos meios urbanos muitos médicos eram judeus, no meio rural, a medicina era exercida sobretudo por diletantes a quem era atribuída uma competência tradicional e de quem se diziam que possuíam dons especiais: velhas, conhecedores de simples (ervas benéficas) e parteiras, que tinham ganho experiência com a prática.

A prática da medicina era escassa, algumas doenças eram encaradas como castigo divino e o povo foi, muitas vezes, assolado por doenças, até então, desconhecidas e pestes que dizimavam a população. Em muitas cidades, colocavam-se os doentes em lugares afastados do resto da população para evitar que mais pessoas morressem. O trato com a lepra ilustra bem o quadro da época:

Os leprosos fornecem-nos um exemplo clássico desse medo do contágio. A Igreja e as instituições públicas agiam concertadamente com o objetivo de isolar totalmente os leprosos do resto da sociedade. Essa espécie de morte civil da pessoa atingida pela terrível doença comportava uma cerimônia espetacular, uma espécie de funeral, com o seu acompanhamento até à leprosaria situada para além dos limites do aglomerado habitacional. Nos Congrès d'Arras, dois trovadores leprosos descrevem o momento em que se despediram dos amigos, antes de se dirigirem para a leprosaria. **A gangrena da alma pecadora transfere-se para o corpo** e proporciona a esperança da salvação eterna, mas, neste mundo, obriga a que se viva longe das pessoas sãs, longe da sociedade. (LE GOFF *et al.* 1989, p.246, grifo nosso).

Através deste fragmento, podemos perceber a visão que o homem medieval tinha da relação doença/pecado, embora, deva-se ressaltar que a lepra era uma doença que atingia toda a população e não só velhos.

Rolf Sprandel (1982), historiador medievalista Alemão, em seu artigo *A velhice e o medo da morte de acordo com a exegese bíblica da alta Idade Média*, tece considerações sobre a *velhice* e sua relação com a doença e o pecado, segundo a análise que escritores pertencentes ao clérigo faziam em suas exegeses.

Era uma prática comum fazer comentários ou dissertações sobre passagens da bíblia que tinham por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente os “ensinamentos de Deus”. O artigo de Sprandel foi publicado em 1982, na coletânea *A Morte na Idade Média* organizada por Herman Braet e Werner Verbeke, traduzido para o português, em 1996, por Heitor Megale, Yara Frateschi Vieira, Maria Clara Cescato e publicado pela EDUSP.

SPRANDEL (1982) fala sobre Jacques Lefèvre, um religioso e professor da Universidade de Paris, que, em uma das exegeses que escreveu sobre o livro bíblico de Títos 2 versículo 2 e fala que “a *velhice* é doença inerente ao corpo que tende naturalmente à corrupção, mas ela não é uma doença da alma, que é imortal” (SPRANDEL, 1982 p.112). A visão de que mente e corpo eram coisas distintas era vigente na Idade Média. Enquanto a alma se bem cuidada, seguindo uma vida adicta aos preceitos religiosos, viveria para sempre, o corpo sucumbiria aos males, como a doença e a *velhice* como ilustra o comentário de Lefèvre antes citado.

Na literatura, na arte, na política, muitas civilizações tinham seus velhos como referência de sabedoria e poder e outras muitas os tinham como fardo e escória. Essas conceptualizações flutuaram, muitas vezes, ao longo das eras e até hoje em dia, pode-se encontrar dualidade na conceptualização dos idosos em relação à sociedade. Se a medicina em geral era escassa na época medieval, a atenção com a saúde dos idosos o era ainda mais. Nas primeiras tentativas de cuidar da saúde dos mais velhos, começaram a surgir tratados que sugeriam que, para melhorar a saúde, deveriam cuidar da higiene, passou-se a recomendar banhos quentes e limpeza regular do corpo, o que era de certa forma um privilégio, já que os banhos eram desencorajados pela igreja que alegava que poderia incitar a luxúria. Simone de Beauvoir (1970), em seu livro *A velhice*, comenta sobre os primeiros intentos de cuidar da saúde dos mais velhos:

Até o fim do século XV, todas as obras sobre a velhice são tratados de higiene. A escola de Montpellier redige também ‘regimes de saúde’. No fim do século XV, produz-se na Itália um renascimento da ciência paralelo ao das artes. O médico Zerbi escreve uma Gerontocomia que é a primeira monografia dedicada à **patologia da velhice**. (BEAUVOIR, 1970, p. 25 apud BORGES, 2007, p.18, grifo nosso).

O pensamento medieval, considerando a *velhice* como doença, perdurou até início do século XX. Já que a *velhice* era conceptualizada como doença, lançava-se mão de todos os meios disponíveis para “curá-la” ou retardá-la.

No século XVI, usavam-se todos os meios disponíveis para prolongar a juventude e a vida e retardar ou eliminar a velhice. Valia tudo: medicina, magia, bruxaria. Mas, nesse século o pensamento científico introduziu novas formas de pensar, que enfatizaram a observação, a experimentação e a verificação. Esta nova forma de pensar implicava descobrir as causas da velhice mediante um estudo sistemático. (RODRIGUES; TERRA, 2006, p. 20).

Segundo Nara Costa Rodrigues e Newton Luiz Terra (2006), estudiosos da área de gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a relação *velhice*/doença era agravada ainda:

pela falta de meios para corrigir certos efeitos do envelhecimento biológico como: surdez, pouca visão, perda da dentadura; esta, no final da Idade Média, foi minimizada por procedimentos muito primitivos como, por exemplo, dentaduras de madeira. Assim a pessoa parecia velha, antes de sê-lo, principalmente pelas repercussões, em todo o organismo, dos problemas e afecções dentárias, o que reforçava a ideia de **velhice = doença**. (RODRIGUES; TERRA, 2006, p.20, grifo nosso).

Na linguagem popular, há muitos ditados que falam da *velhice* como doença, embora seja difícil rastrear a origem de tais ditados, podemos perceber como a relação *velhice*/doença persiste no imaginário popular. Ditados como “*A velhice é uma estranha enfermidade, trata-se para a fazer durar; a velhice não tem cura; velhice é mal desejado; velhice é doença irremediável; velho que se cura cem anos dura; mal vai a corte onde o boi velho não tosse; não há moço doente nem velho são; não há sábado sem sol, nem jardim sem flores, nem velhos sem dores, nem moças sem amores; saúde de velho é muito remendada*”<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> (Fonte: Google.com)

### 3.2.3.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É DOENÇA

Na cantiga analisada, o conceito de VELHICE é estruturado em termos de DOENÇA. Esta construção mental é abalizada pelo contexto social e cultural da Idade Média em que ambos os domínios podem ser considerados concretos, a *velhice* por ser uma condição biológica que todo ser humano alcançará, desde que não morra jovem, e, a doença por ser uma condição natural do corpo humano que a adquire mediante contato com agentes patológicos. O que contraria a noção de que a conceptualização ocorre, sempre, de um domínio mais concreto para outro mais abstrato, neste caso, ambos os domínios podem ser considerados concretos.

A base experiencial acessada, nesta metáfora, é a condição iminente de morte causada pela doença, considerando a escassez de tratamento médico do período, e da *velhice*, considerando que, com a idade avançada, o corpo fica mais fraco e suscetível a contrair doenças próprias da idade, como dores e deterioro do corpo.

A partir das informações anteriormente citadas, podemos perceber que se destacam determinados aspectos do domínio-fonte (doença) e se projetam no domínio-alvo (*velhice*), quais sejam: possibilidade iminente de morte e comprometimento da saúde. São associações parciais, pois outros aspectos de doença, por exemplo, a possibilidade de ser curada com medicações e repouso, não se aplicam à conceptualização da *velhice* no texto estudado.

Algumas expressões metafóricas presentes na cantiga, por exemplo: **curar-se** de, **morrer** de, relacionadas à *velhice* e aliadas a análise de literaturas de diversas áreas do saber que, de alguma forma, versam sobre o contexto social em que o texto está inserido e consultadas neste estudo, corroboram a análise proposta.



### 3.2.4 VELHICE É ORGANISMO VIVO

Na cantiga *Martim Alvelo*, de João Soares Coelho, encontramos a metáfora da *velhice* como um organismo vivo, ou melhor, a *velhice* está personificada, apresentando ações e características próprias de um ser vivo. Diferente das metáforas anteriores (VELHICE É PECADO e VELHICE É DOENÇA) que parecem estar inseridas em um MCI amplo, compartilhado por um grupo social localizado temporalmente, esta nos parece ser uma metáfora contextual e pontual, pois, nenhuma referência a ela foi encontrada nas literaturas que versam sobre a *velhice*, consultadas para este estudo.

A composição fala sobre Martim Alvelo e sua tentativa desesperada de mascarar a *velhice*, que, segundo o autor, seria o motivo pelo qual as mulheres se afastavam dele. As mulheres teriam grande *entejo* (tédio, desilusão), causados pelos *cãos* (cabelos brancos) do velho. Segundo a cantiga, a *velhice*, quando **cresce**, costuma **querer** tudo menos loucuras e enganos.

Martim Alvelo,  
desse teu cabelo  
te falarei já:  
cata capelo  
**5** que ponhas sobr'elo,  
ca mui mester ch'há;  
ca o topete  
pois mete  
cãos mais de sete,  
**10** e mais, u mais há,  
muitos che vejo  
sobejo:  
e que grand'entejo  
tod'a molher há!

**15** E das trincheiras  
e das trasmoleiras  
ti quero dizer:  
vejo-chas veiras  
e von'as carreiras,  
**20** polas defender;  
ca a velhece,  
pois crece,  
sol nom quer sandece,  
al é de fazer:  
**25** ca essa tinta  
mal pinta;  
e que val a enfinta  
u nom há foder?

Messa os cães  
**30** e filh'os soumãos,  
e nom ch'há mester  
panos louçãos;  
abr'i deles mãos,  
ca tod'a molher  
**35** a tempo cata  
quem s'ata  
a esta barata  
que t'ora disser:  
d'encobrir anos  
**40** com panos;  
aquestes enganos  
per rem nõn'os quer.  
(LOPES et *al.*, 2011)

Tabela 7: Vocábulos relevantes (*Martim Alvelo*,)

VOCÁBULOS RELEVANTES	
Cães	Cabelos brancos
Capelo	Espécie de capuz
Entejo	Tédio, desilusão
Pois	Depois
Sobejo	Excessivo, demasiadamente, muitíssimo
Sol (verbo soer)	Costuma
Trasmoleira	Nuca, parte posterior da cabeça
Trincheiras	Fontes, partes laterais da cabeça
Veiro (veiras)	Pintalgado (a preto e branco)

(Fonte: própria autora)

Martim Alvelo, ao tentar esconder a sua *velhice*, lança mão de tintas que “mal pintam” para esconder os seus numerosos cabelos brancos, além de vestir-se com roupas louças (bonitas), para parecer jovem e atraente para as mulheres. No final da cantiga, aparece, mais uma vez, a *velhice* personalizada, quando diz que “esconder anos com panos, estes enganos não os **quer**” (a *velhice*).

Temos, aqui, então, uma metáfora ontológica. O domínio-alvo é a VELHICE, o domínio-fonte caracterizamos como ORGANISMO VIVO, embora, tenham surgido discussões sobre se ação de **querer** pode ser experienciada por animais não humanos, também, ou se as suas ações seriam impulsionadas não por querência, mas por instinto. Cremos que o conceito ORGANISMO VIVO é abrangente e dissolve a necessidade da discussão, anteriormente citada, para esta análise.

As metáforas ontológicas são as que transformam um conceito abstrato, como eventos, atividades, emoções ou ideias, em entidades, objetos ou substâncias. Decorrem da necessidade do ser humano em delimitar e quantificar elementos pouco “palpáveis”, como talvez fosse considerada a *velhice*, naquele tempo. Usa-se a experiência humana com substâncias e objetos físicos para conferir limites artificiais e uma base de compreensão que vai além da orientação. Para Lakoff e Johnson (1980, p. 87),

As metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas. Isso nos permite entender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Embora a *velhice* seja um estágio da vida e não um objeto, é compreensível a necessidade metafórica para a sua compreensão. Pois, se trata de um conceito que, apesar de poder ser considerado concreto, já que é experienciado pelo ser humano com o próprio corpo, não era alcançado por todos. Segundo Kortüm (1996, p.12), “a expectativa de vida na Idade Média era muito menor do que é hoje”. A expectativa de vida era relativamente baixa, considerando as condições de saúde, alimentação e belicismo da época.

A personificação é o tipo mais recorrente de metáfora ontológica. Lakoff e Johnson (1980, p. 88) caracterizam-na como

uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. O que todas têm em comum é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características.

Nessa, o domínio-fonte é, geralmente, um ser humano, do qual se selecionam aspectos que serão, parcialmente, projetados no domínio-alvo a ser compreendido. É um recurso metafórico, amplamente, utilizado.

#### **3.2.4.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ORGANISMO VIVO**

Esta construção mental é uma metáfora contextual e pontual. Ambos os domínios podem ser considerados concretos, a *velhice* por ser uma condição biológica experienciada pelo ser humano e o organismo vivo por poder ser o próprio ser humano. O organismo é uma entidade e a *velhice* é um processo pelo qual esta mesma entidade passa (logicamente, se viver o suficiente para tal).

Creemos que não é possível encontrar, aqui, um Modelo Cognitivo Idealizado relativo a tal metáfora, pois, como já informamos, não encontramos sinais desta conceptualização em outras literaturas que versam sobre a *velhice* no referido período, como aconteceu com as metáforas anteriores. Sendo uma metáfora contextual, ou seja, encontrada este contexto literário específico, talvez, não apresente expectativas socialmente e culturalmente compartilhadas, ou pelo menos, não chegamos, ainda, a elas.

Entretanto, podemos acessar, aqui, outro MCI, o da *velhice* como algo, socialmente, preterido. Martim Alvelo tenta a todo custo esconder a sua *velhice*, posto que as mulheres, segundo a cantiga, repelem os homens que apresentam tal condição. Roupas bonitas e tinta para o cabelo são os artifícios que ele encontra para esconder os sinais da sua idade. Este mesmo MCI de *velhice* como uma situação, socialmente, indesejada é compartilhado pelas outras metáforas

analisadas, quais sejam: VELHICE É PECADO, VELHICE É PERDIÇÃO e VELHICE É DOENÇA.

A base experiencial acessada, nesta metáfora, é de uma *velhice* que desenvolve ações humanas (ou considerando de forma mais geral, de um organismo vivo). Segundo o dicionário de Moraes Silva (1789), *querer* é: ter vontade, desejar, e, segundo o dicionário de Raphael Bluteau (1728) *querer* é: ter vontade de fazer ou dizer alguma coisa. Podemos interpretar, então, que o verbo **querer** solicita um sujeito com características [+humanas], diferente da outra ação desenvolvida pela *velhice*, na cantiga, **crescer**, que pode ser desenvolvida por outros seres vivos como plantas e animais. O dicionário de Moraes Silva (1789) significa *crescer* como: aumentar-se em altura, e *corpo*: o animal, o homem, a árvore. Já o de Raphael Bluteau (1728) significa: como ter aumento natural ou moral.

A partir das informações anteriormente citadas, podemos perceber que se destacam determinados aspectos do domínio-fonte (ORGANISMO VIVO) e projeta-se no domínio-alvo (VELHICE), quais sejam: desenvolver atividades próprias de entidades vivas e humanas. São associações parciais, pois outros aspectos da fonte, por exemplo, falar, deslocar-se, entre outras, não se aplicam à conceptualização da *velhice* nesse texto escarninho.

As expressões metafóricas constituídas pelos itens léxicos **querer** e **crescer** (*ca a velhece, pois crece, sol nom quer sandece, (...) aquestes enganos per rem nã'os quer*) corroboram a metáfora, aqui, proposta.

### 3.2.5 VELHO É ALGO/PESSOA RUIM

A cantiga *Covilheira velha, se vos fezesse*, de Afonso Anes do Cotom, conceptualiza a *velhice* como sendo portadora de “maus costumes” e má intenção. De forma mais genérica, podemos dizer que a conceptualização, aqui, é da VELHICE como ALGO RUIM, preterido, ou, de forma mais específica, podemos ler, também, a PESSOA VELHA como PESSOA RUIM, preterida. A cantiga fala sobre uma covilheira (criada, camareira) a quem o autor demonstra o seu desprezo, o faz,

porém, generalizando hiperbolicamente a condição de maldade a todas as outras velhas, como pode ser visto no seguinte trecho: *ca nunca velha fududancua vi, que me nom buscasse mal, se podesse*. Vejamos o contexto.

Covilheira velha, se vos fezesse  
grande [e]scárnio, dereito faria,  
ca me buscades vós mal cada dia;  
e direi-vos em que vo-l'entendi:  
**5** ca nunca velha fududancua vi  
que me nom buscasse mal, se podesse.

E nom est ãa velha nem som duas  
mas som vel cent'as que m'andam buscando  
mal quanto podem e m'andam miscrando;  
**10** e por esto rog'eu de coraçom  
a Deus que nunca meta se mal nom  
antre mim e velhas fududancuas.

E pero lança de morte me feira,  
covilheira velha, se vós fazedes  
**15** nẽum torto se me gram mal queredes;  
ca Deus me tolha o corp'e quant'hei  
se eu velha fududancua sei  
hoje no mundo a que gram mal nom queira.

E se me gram mal queredes, covilheira  
**20** velha, dig'eu que fazedes razom,  
ca vos quer'eu gram mal de coraçom,  
covilheira velha; e sabed'or'[al]:

des que fui nado, quig'eu sempre mal  
a velha fududancua peideira.

(LOPES et al., 2011)

Tabela 8: Vocábulos relevantes (*Covilheira velha, se vos fezesse*)

<b>VOCÁBULOS RELEVANTES</b>	
Fududancua	Termo insultuoso (de raiz obscena)
Miscrar	Introduzir a discórdia (por intrigas), malquistar.
Torto	Injúria, ofensa, injustiça, mal, crime, traição.
Vel	Pelo menos, ao menos, sequer.

(Fonte: própria autora)

A descrição é, de fato, de uma pessoa muito ruim. O autor está tão certo disso que diz que Deus lhe pode tolher o corpo, caso ele conheça alguém a quem a velha não queira mal. Esse desprezo parece ser recíproco, já que ele diz que quer mal a ela, desde que nasceu, conforme podemos ver nos seguintes trechos: *des que fui nado, quig'eu sempre mal; a velha fududancua peideira*. A velha a que o autor se refere lhe causa mal, lhe faz Injúria, ofensa, injustiça, porém não apenas uma, “são pelo menos cem” as que o andam buscando, e, causando-lhe mal.

Os vocábulos destacados foram eleitos de forma a viabilizar o entendimento da cantiga e fundamentar a metáfora VELHO É ALGO/PESSOA RUIM. O vocábulo *vel* foi elencado para evitar confusão com alguma forma apocopada de velho, como, inicialmente, foi interpretado por nós.



### 3.2.5.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM

Há uma linha tênue entre a conceptualização da *velhice* e a conceptualização da mulher velha com atenuante de gênero, conforme será abordado no tópico 3.3 deste estudo. Há, também, o processo metonímico da idade pelo seu caráter, uma relação PARTE/TODO que evidencia, ao nosso olhar, a relação VELHICE/MALDADE apresentada pela cantiga.

Ambos os domínios podem ser considerados concretos, a *velhice*, por ser um processo natural do corpo, e a “maldade”, por ser uma ação humana comum. A relação estabelecida, aqui, é a de que a *velhice* pressupõe maldade. Podemos acessar o MCI de *velhice* como algo preterido, em que várias atribuições negativas são relegadas a ela.

A partir das informações, anteriormente, citadas, podemos perceber que se destacam determinados aspectos do domínio-fonte e projetam-se no domínio-alvo, quais sejam: a maldade leva os humanos a cometer ofensas, injúrias, malquerer, traição e discórdia, e, segundo a cantiga analisada, a *velhice*, também.

### 3.2.6 VELHO É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO

A cantiga *Elvir', a capa velha dest'aqui* de Pedro Amigo de Sevilha conceptualiza a VELHICE como ALGO VELHO OU ESTRAGADO, bem como a tenção - *Ûa pergunta quer'a el-rei fazer* de Garcia Peres e Afonso X.

A metáfora é ratificada pelo *Glossário da Poesia Medieval Profana Galego-Portuguesa*, disponibilizado pelo Grupo de Investigação Linguística e Literária Galega da Universidade de Corunha que apresenta os seguintes significados para o vocábulo velho: “1. 'que ten moita tempo ou idade', 2. 'antigo', 3. 'gastado ou pasado polo paso do tempo ou polo uso’<sup>22</sup>” (FERREIRO, 2014). O glossário utiliza, como

---

<sup>22</sup> 'Que tem muito tempo ou idade', 2. 'antigo', 3. 'gasto ou passado pelo passar do tempo ou pelo uso'. (Tradução nossa).

abonação da terceira acepção, a cantiga de Pedro Amigo de Sevilha, aqui analisada. Vejamos o texto a seguir:

Elvir', a capa velha dest'aqui,  
que te vendess'um judeu corretor,  
e ficou contig'outra mui peor,  
Elvir', a capa velha, que t'eu vi;  
**5** ca, queres sempre por dinheiros dar  
a melhor capa e queres leixar  
a capa velha, Elvira, pera ti.

Por que te fiqu', assi Deus ti perdom,  
a capa velh', Elvira, que trager  
**10** nom quer nulh'home mais, dás a vender  
melhor capa velha doutra sazom.  
Elvira, nunc'a ti capa darám,  
ca ficas, destas capas que ti dam,  
com as mais usadas no cabeçom.

**15** E a capa, velh'Elvira, mi pesou,  
porque nom é já pera cas d'el-rei  
a capa velh', Elvira, que eu sei  
muit'usa[da] que contigo ficou:  
ca pera corte sei que nom val rem  
**20** a capa, velh'Elvira, que já tem  
pouco cabelo, tam muito s'usou.

(LOPES et *al.*, 2011)

Tabela 9: Vocábulos relevantes (*Elvir', a capa velha dest'aqui*)

VOCÁBULOS RELEVANTES	
Cabeçon	A parte do vestiário que está junto ao pescoço.
Ren	Coisa, pessoa, algo, nada.

(Fonte: Própria autora)

O autor fala das más condições da capa de Elvira que, por ser velha, não vale rem (nada), nenhum homem a quer e não serve para a casa do rei. É possível interpretar o texto ora falando da peça de vestuário, ora falando da própria Elvira, devido à posição da palavra velha, quando aparece entre Elvira e capa. Apesar de não ser um objetivo deste estudo fazer um comparativo entre a condição de velho para coisas ou objetos e a *velhice* humana, foi inevitável não perceber que ambas conceptualizações se inserem no Modelo Cognitivo Idealizado de *velhice* como condição preterida e que não é bem visto para nenhum dos dois, nem a roupa, nem a dona dela.

O *corpus on-line* traz a seguinte nota geral, esclarecendo que o vocábulo capa, na Idade Média, poderia ter outro sentido, além de peça de vestuário, o de órgão sexual feminino, sendo registrado, também, em outras cantigas.

Brinquedo linguístico dirigido à soldadeira Elvira, que parte de um cerrado jogo verbal entre as expressões capa velha e velha Elvira. Para além do equívoco entre a velhice da capa (peça de vestuário) e da soldadeira, é possível que haja ainda um jogo com um segundo sentido obsceno que o termo capa teria. Esse jogo é perceptível numa outra cantiga satírica que utiliza ambigualmente o termo, sem que, no entanto, consigamos explicar a sua significação exata. Procuramos pontuar a composição a partir de um primeiro sentido "inocente", sem deixar de ter em conta que outras pausas são possíveis e que o jogo entre elas seria predominantemente oral. Seria curioso saber como seria cantada a composição. (LOPES et al., 2011).

Embora não se possa afirmar, categoricamente, o duplo sentido de capa, se o considerarmos como possível toda a carga pejorativa e a noção de ruim e estragado recaem sobre Elvira e sua capa (órgão genital), evidenciando assim as críticas que a

sexualidade da mulher velha poderia sofrer, conforme será abordado no item (3.3) deste estudo e como podemos ler, no décimo verso da cantiga: esta capa velha “nenhum homem quer mais”.

A outra cantiga que apresenta a metáfora VELHO É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO é *-Ûa pergunta quer'a el-rei fazer*, uma tenção entre Garcia Pérez e Afonso X.

- Ûa pergunta quer'a el-rei fazer,  
que se sol bem e aposto vestir:  
porque foi el pena veira trager  
velha 'm bom pan'? E queremos riir  
**5** eu e Gonçalo Martins, que é  
home muit'aposto, per bõa fé,  
e ar querê-lo-emos en cousir.

- Garcia Pérez, vós bem cosecer  
podedes: nunca, de pram, foi falir  
**10** em querer eu pena veira trager  
velha em corte, nen'a sol cobrir;  
pero, de tanto, bem a salvarei:  
nunca me dela em corte paguei,  
mais estas guerras nos fazem bulir.

**15** - Senhor, mui bem me vos fostes salvar  
de pena veira que trager vos vi;  
e pois de vós a queredes deitar,  
se me creverdes, faredes assi:  
mandade log'est'e nom haja i al:  
**20** bota[de-a] log'em um muradal,  
ca peor pena nunca desta vi.

- Garcia Pérez, nom sabedes dar  
bom conselho, per quanto vos oí,  
pois que me vós conselhades deitar  
**25** em tal logar esta pena; ca s'i  
o fezesse, faria mui mal;  
e muito tenh'ora que mui mais val  
em dá-la eu a um coteif'aqui.

(LOPES et *al.*, 2011)

Tabela 10: Vocábulos relevantes (*Õa pergunta quer'a el-rei fazer*)

VOCÁBULOS RELEVANTES	
Coteife	Cavaleiro vilão
Cousecer	Comentar negativamente, criticar, considerar, observar.
Cousir	Observar, considerar, criticar
Muradal	Esterqueiro, lixeira
Pena Veira	Pele matizada, usada sobretudo em guarnições e forros.

(Fonte: própria autora)

Garcia Pérez questiona Afonso X sobre a roupa velha que usa e o aconselha a substituí-la, por não ser adequada para um rei. O *corpus on-line* traz a seguinte nota geral sobre esta cantiga:

Risonha disputa entre Garcia Peres e Afonso X, a propósito do vestuário deste último: Garcia Peres estranha que o rei, que se prezava de vestir bem, traja uma velha pele muito gasta e aconselha-o a deitá-la para o lixo. D. Afonso, justificando a vestimenta pelo cenário de guerra em que se encontra, refuta o conselho e propõe-se dá-la de imediato a um cavaleiro vilão. Não custa a crer que a tenção tivesse sido seguida, de fato, dessa jocosa oferta. (LOPES, et *al.* 2011).

Apresenta, ainda, a seguinte nota de leitura sobre o trecho *nen'a sol cobrir;* (l.11) que tenta esclarecer o significado pouco claro de tal expressão que poderia ser uma referência à soldadeira Elvira e a sua “capa”, sobre as quais se falam na cantiga, anteriormente, por nós analisada.

A expressão não é muito clara; significa, em princípio, "nem mesmo cobrir-me com ela". É nesta expressão, agora no sentido "nem mesmo cobri-la", que se baseia a hipótese, que já foi avançada, de a cantiga ser um equívoco, sendo a pena veira uma velha soldadeira. A ser assim, talvez a tenção tenha alguma relação com a cantiga em que Pedro Amigo joga equivocadamente com a capa velha da soldadeira Elvira. É difícil, no entanto, ter qualquer certeza nesta matéria. (LOPES et al., 2011).

### **3.2.6.1 Mapeamento metafórico e MCI de VELHICE É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO**

Na cantiga analisada, o conceito de VELHICE é estruturado em termos de ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO. Esta construção mental é abalizada pela ideia geral de que o que é velho perde o valor e a “funcionalidade” com o tempo, seja uma pessoa ou uma peça de vestuário. Ambos os domínios podem ser considerados concretos, a *velhice*, por ser uma condição biológica que todo ser humano alcançará, desde que não morra jovem, e o estado de gasto/estragado, porque o experienciamos com as coisas ao nosso redor. O que contraria a noção usual de que a conceptualização ocorre, sempre, de um domínio mais concreto para outro mais abstrato. Neste caso, ambos os domínios podem ser considerados concretos.

É válido ressaltar, uma vez mais, que, de alguma forma, todas estas conceptualizações da *velhice* se encontram relacionadas, ou pelo menos inserida em um MCI amplo, como é o caso de *velhice* como condição preterida.

Nas exegeses produzidas na Idade Média, os religiosos evidenciavam uma metáfora presente na Bíblia, a da *velhice* em termos de roupa velha, e relacionada, também, ao pecado, já que a morte era anunciada por ambos (*velhice* e pecado).

**a velhice** como pecado foi de preferência convertida na **comparação com a roupa velha, que não serve para nada**. [...] O autor escreve a respeito desse versículo: “A roupa velha anuncia a morte de todos, a morte terrena”. (SPRANDEL, 1986, p. 113-114, grifos nosso).

A base experiencial acessada, nesta metáfora, é a relação do tempo de vida com a má conservação que, geralmente, ocorre com as coisas cotidianas que utilizamos, a exemplo de roupas, livros, móveis etc. Para algo ser gasto ou estragado não necessariamente depende do tempo de uso ou de vida, mas, a relação do tempo com o estado de (má) conservação é a relação mais comum que se faz. O corpo envelhece, com “o tempo de uso”; nossas células se deterioram por condições biológicas e naturais, mas, talvez, a falta de conhecimento sobre os processos que ocorrem no corpo àquela época explique a motivação desta metáfora nas cantigas.

Algumas expressões metafóricas tais como **muita usada** e **deitar fora** (jogar fora) corroboram a metáfora aqui proposta.

### 3.2 MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS DA VELHICE NA IDADE MÉDIA NO CORPUS ESTUDADO

Nesta subseção, vamos analisar os MCIs em que se inserem as conceptualizações metafóricas encontradas a respeito da *velhice*.

Foi possível identificar, no Modelo Cognitivo Idealizado de *velhice*, tal estágio da vida como uma condição preterida, a tal ponto de velho ser utilizado como xingamento e ofensa em muitas cantigas. Tal modelo é produto da categorização de pessoas por sua idade e aspectos físicos e sociais. Enquanto ser jovem era considerado bom, por questões relativas à força, “beleza”, sexualidade e vigor físico, ser velho era, de acordo com as conceptualizações que encontramos no *corpus*, ruim, devido a questões como deterioração do corpo, maior suscetibilidade a doenças, menor força física, “feiura”, propensão ao pecado etc.

Os modelos oferecem estrutura à experiência e são projetados para outros domínios conceituais por meio de metáforas e metonímias, estruturando modelos cognitivos complexos, consequência da forma pela qual nossos conhecimentos e experiências são organizados em nossa mente. São associações linguísticas e conceituais abalizadas, neste caso, por estereótipos sociais e de estruturação metonímica e metafórica.

Há divergência entre os teóricos cognitivistas sobre a universalidade das metáforas e das estruturas conceptuais básicas, tais como os Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Partindo do pressuposto de que a conceptualização tem uma base experiencial e que nós humanos temos um mesmo corpo e compartilhamos um grande número de experiências na forma que interagimos com o mundo ao nosso redor, a universalidade pode fazer sentido. Há, porém, que considerar os aspectos culturais que podem ser, de fato, muito divergentes de uma sociedade a outra, de um lapso temporal a outro, o que poderia influenciar na maneira como os MCIs são estruturados.

No caso da *velhice*, ao ser conceptualizada como doença, pecado, perdição ou algo ruim/estragado, ela adquire esse caráter estigmatizado. É uma condição que não se deseja para si, visto que a sociedade ao redor a rechaça, sendo tal estado motivo de muitas chufas e sátiras. Ainda assim, por ser um estágio avançado dentro de uma ordem natural do ciclo de vida humano, (nascimento, infância, juventude, maturidade, *velhice* e morte) as pessoas sonham em ficar velhas. De um modo geral, ninguém deseja morrer jovem.

No *corpus* analisado, o simples fato de referir-se a alguém (ou até mesmo algo) como velho evoca um Modelo Cognitivo que inclui as características antes citadas. O velho seria então, alguém doente (Cf. cantiga *Orraca López vi doente um dia*), feio (Cf. cantiga *Ai dona fea, fostes-vos queixar*), pecador (Cf. cantiga *Maria Leve, u se maenfestava*), de “má conduta sexual” (Cf. cantiga *Maria Leve, u se maenfestava*) ou indesejável sexualmente (Cf. cantiga *Martim Alvelo*), mau (*Covilheira velha, se vos fizesse*), *gasto ou estragado* (*Elvir', a capa velha dest'aqui, - Ûa pergunta quer'a el-rei fazer*) e podendo ter até mesmo mais de uma dessas atribuições ao mesmo tempo. É válido ressaltar que o nosso objetivo, neste estudo, é investigar possíveis conceptualizações da *velhice* humana, porém, é inevitável não



citar que a condição de velho é igualmente indesejável, de acordo com o *corpus* analisado, para coisas em geral. Na cantiga *Elvir', a capa velha dest'aqui*, seja a “capa” uma peça de vestuário, ou, seja o órgão sexual, metonimicamente, conceptualizando a própria Elvira, ou de forma mais geral, o ser humano, não é “adequado para a casa do rei” e “nenhum homem quer”.

Outro MCI encontrado, no *corpus*, é o Metonímico idade pelo caráter, no qual se insere as metáforas VELHICE É PECADO, VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM. Os textos demonstram que se atribuíam más características às pessoas sobre quem se fala; a idade é colocada em destaque como suposição de mau caráter e maus costumes.

Esse modelo metonímico ocorre num único domínio conceitual, no qual há dois elementos, X (idade) e Y (caráter), sendo que X pode ser representado por Y. Nesse modelo, tomamos um aspecto sobressalente e “use it to stand either for the thing as a whole or for some other aspect or part of it<sup>23</sup>”. (LAKOFF, 1987, p. 77). Dessa forma, temos um conceito X que deve ser compreendido em uma estrutura conceitual que contém tanto X quanto outro conceito Y, sendo este último ou parte de X ou associado a ele na estrutura, processo este motivado no *corpus* analisado por estereótipos sociais. Y em comparação com X pode ser de fácil compreensão ou mais fácil de ser lembrado ou reconhecido em um dado contexto. Assim, o modelo metonímico exemplifica como X e Y são relatados em uma estrutura conceitual, na qual a relação é especificada pela função de Y para X, em outras palavras, ao evidenciar a idade no contexto o autor refere-se, quase sempre, a uma pessoa de caráter duvidoso.

Os Modelos Cognitivos Idealizados nos auxiliam na nossa compreensão do mundo, uma vez que nós seres humanos sentimos a necessidade de categorizar os conceitos e organizá-los por semelhanças.

Quando reiteramos a ideia de que os MCIs, aqui discutidos, são impulsionados por estereótipos sociais é para que fiquem em evidência dois pontos: são idealizados e podem não ser necessariamente universais. Como já falamos no item 1.3 deste estudo, os modelos são idealizados por dois motivos: a) por não se

---

<sup>23</sup> Usa-se para estruturar, quer para a coisa como um todo ou por alguma outro aspecto ou parte dela. (Tradução nossa).

adequarem necessária e perfeitamente ao mundo em decorrência de serem frutos do aparato cognitivo humano e da realidade; o que consta de um modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores etc.; e b) pela possibilidade de construção de diferentes modelos para a compreensão de uma determinada situação, sendo que esses modelos podem ser contraditórios entre si. É perfeitamente possível que haja outros MCIs de *velhice*, na mesma época, que incluam atributos como: experiência, sabedoria, liderança etc., como lemos em algumas obras consultadas, e que estariam em contraste com os MCIs, aqui expostos. No nosso *corpus*, entretanto, eles não aparecem. Sobre a universalidade destes MCIs, pouca coisa podemos falar, visto que o nosso estudo se deu em um *corpus* datado e localizado. Porém, como já dissemos anteriormente, é quase impossível não fazer paralelos com o nosso “conhecimento de mundo” atual.

Nascher, em 1914 em seu livro sobre Geriatria enfatizou que [...] “a velhice é uma etapa da vida”, levantando-se, desta maneira, contra a concepção grega, que havia dominado o pensamento médico durante mais de 2.000 anos, de que “a velhice é uma doença”. (RODRIGUES; TERRA, 2006, p. 25).

O que podemos dizer, em parte, é que alguns resquícios destes modelos estão em nossa sociedade hoje. Outra sociedade, outro tempo, outro espaço. Esta averiguação, porém, foge ao propósito deste estudo.

### 3.3 VELHA E VELHO: QUESTÕES DE GÊNERO

Embora não esteja consonante com o objetivo geral da dissertação que é analisar as metáforas associadas às conceptualizações da *velhice*, vale ressaltar um atenuante de gênero encontrado no *corpus*, qual seja: o maior número de ocorrências de *velha* em relação a *velho*.

Resolvemos fazer esta abordagem, porque são dados demasiadamente discrepantes em números e, também, em natureza. As utilizações de *velha*, nos contextos, são, maiormente, de um qualificador humano, enquanto *velho* qualifica, somente, coisas e objetos, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Tabela 11: Comparativo do número de ocorrências velho x velha

OCORRÊNCIAS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	NÚMERO DE CANTIGAS
Velha	51	23
Velho	10	04

(Fonte: própria autora)

A discrepância numérica para os resultados de busca para velha e velho é, no mínimo, curiosa. Para o feminino, foram encontradas 41 ocorrências a mais do que para o masculino. A variação quantitativa para o número de cantigas, também, é considerável, são 19 cantigas a mais do que registram a palavra em feminino.

Devido à natureza do *corpus* utilizado as conceptualizações metafóricas encontradas, como já dito antes, são todas negativas. No que diz respeito à conceptualização feminina, nas cantigas analisadas, a mulher velha é um “personagem” recorrente e numeroso, notadamente, uma figura feminina caricata. Grosseiramente, conceptualizadas como velhas, as imagens dessas mulheres estão inseridas num MCI com discrepância de gênero, não é só a *velhice* que impulsiona as conceptualizações negativas, o fato de ser mulher intensifica o processo e agrega outros atributos, a partir do imaginário popular da época.

Essa observação foi feita por outros estudiosos em seus trabalhos sobre a “velha medieval”, tais como: Viana (No prelo), Cerchiari (2009) e Aragão (2003).

Das 51 ocorrências de velha, 25 aparecem em forma substantivada, ou seja, aparece velha em lugar de mulher e, sempre, acompanhada de outros atributos negativos e escarneadores como feia, fududancia, alcoviteira, sandia (louca) e outros. Seguem-se os contextos em que velha aparece.

Tabela 12: Contextos da ocorrência de velha

CANTIGA	AUTOR	CONTEXTO
A ùa velha quisera trobar,	Afonso Anes do Cotom	A ùa <b>velha</b> quisera trobar quand'em Toledo fiquei desta vez; e veo-me Orraca López rogar e disso-m'assi: - Por Deus que vos fez, <b>5</b> nom trobedes a nulha <b>velh'a</b> qui ca cuidarám que trobedes a mim

		[...]
Covilheira velha, se vos fezesse,	Afonso Anes do Cotom	<p>Covilheira <b>velha</b>, se vos fezesse grande [e]scárnio, direito faria, ca me buscades vós mal cada dia; e direi-vos em que vo-l'entendi: <b>5</b> ca nunca <b>velha</b> fududancia vi que me nom buscasse mal, se podesse.</p> <p>E nom est ùa <b>velha</b> nem som duas mas som vel cent'as que m'andam buscando mal quanto podem e m'andam miscrando; <b>10</b> e por esto rog'eu de coraçom a Deus que nunca meta se mal nom antre mim e <b>velhas</b> fududancias.</p> <p>E pero lança de morte me feira, covilheira <b>velha</b>, se vós fazedes <b>15</b> nêum torto se me gram mal queredes; ca Deus me tolha o corp'e quant'hei se eu <b>velha</b> fududancia sei hoje no mundo a que gram mal nom queira.</p> <p>E se me gram mal queredes, covilheira <b>20 velha</b>, dig'eu que fazedes razom, ca vos quer'eu gram mal de coraçom, covilheira <b>velha</b>; e sabed'or'[al]: des que fui nado, quig'eu sempre mal a <b>velha</b> fududancia peideira.</p>
Orraca López vi doente um dia,	Afonso Anes do Cotom	<p>Orraca López vi doente um dia e perguntei-a se guareceria; e disse-m'ela, tod'em jograria: - São <b>velha</b> e cuid'a guarecer. E dixeu-lh'eu: - Cuidades gram folia, ca i mais vej'eu das <b>velhas</b> morrer.</p> <p>[E] dixeu-lh'eu: - Gram folia pensades, se per velhece a guarecer cuidades; pero nom vos dig'eu que nom vivades quanto vos Deus quiser leixar viver; mais em velhice nom vos atrevades, ca i mais vej'eu das <b>velhas</b> morrer.</p>
A la fé, Deus, se nom por Vossa Madre,	Gil Peres Conde	<p>[...]</p> <p>Faria-m'eu o que nos vós fazedes: e[i]xar <b>velhas</b> feas, e as fremosas e mancebas filhá-las por esposas. Quantas queredes vós, tantas filhades! E a mi nunca mi nêña dades: assi partides migo quant'havedes.</p>
À lealdade da Bezerra, que pela Beira muit'anda,	Airas Peres Vuitorom	<p>Maldisse Dom Airas Soga a ùa <b>velha</b> noutro dia; disse-lhi Pero Soares um vesso per clerezia: - Non vetula bombatricom scandit confusio ficum; nom foi Soeiro Bezerra alcaide de Celorico.</p>

<p>Achei Sanch[a] Anes encavalgada,</p>	<p>Afonso X</p>	<p>[...] Vi-a cavalgar indo pela rua, mui bem vistida em cima da mua; 15 dix'eu: - Ai, <b>velha</b> fududancua, que me semelhades ora mostea! Vi-a cavalgar per ùa aldeia e quige jurar que era mostea.</p>
<p>Direi-vos eu d'um ric'home,</p>	<p>Afonso X</p>	<p>[...] E pois ali o liou, estendeu-se e bucijou; por ùa <b>velha</b> enviou, que o veesse escantar <b>15</b> d'olho mao de manejar.  A <b>velha</b> e[n] diss'atal: - Daquesto foi, que nom d'al: de que comestes mui mal. E começou de riir <b>20</b> [e] muito del escarnir.  Nun'Eanes diss'assi: - Fiinda mester há i.  Dom Afonso diss'atal: - Faça-xo quem faz o al.</p>
<p>Vi um coteife de mui gram granhom,</p>	<p>Afonso X</p>	<p>Vi um coteife de mui gram granhom com seu porponto, mais nom d'algodom, e com sas calças <b>velhas</b> de branqueta. E dix'eu logo: - Poilas guerras som, ai que coteife pera a carreta! [...]</p>
<p>Direi-vos ora que oí dizer,</p>	<p>João Vasques de Talaveira</p>	<p>Direi-vos ora que oí dizer de Maria Leve, assi haja bem, pola manceba: que se desavém dela; e pois lh'ali nom quer viver, ena Moeda <b>Velha</b> vai morar Dona Maria Leve, a seu pesar.  Ca atal dona com'ela guarir nom pod'ali, se manceba nom há; e vedes que oí, amigos, já: que, pois que se lh'a manceba quer ir, ena Moeda <b>Velha</b> vai morar Dona Maria Leve, a seu pesar.  Ca diz que morará ali mal e alhor, poila manceba sigo nom houer; e contra Sam Martinho morar quer, pola manceba: que, xi lh'ora for, ena Moeda <b>Velha</b> vai morar Dona Maria Leve, a seu pesar.  Ca nom pod'a manceba escusar, se na Moeda <b>Velha</b> nom morar</p>

<p>Maria Leve, u se maenfestava</p>	<p>João Vasques de Talaveira</p>	<p>Maria Leve, u se maenfestava, direi-vos ora o que confessava: - São <b>velh'</b>, ai capelam!</p> <p>Nom sei hoj'eu mais pecado[r] burguesa <b>5</b> de mim; mais vede-lo que mi mais pesa: são <b>velh'</b>, ai capelam!</p> <p>Sempr[e] eu pequei, des que fui foduda, pero direi-vos per que [som] perduda: são <b>velh'</b>, ai capelam!</p>
<p>Ai dona fea, fostes-vos queixar,</p>	<p>João Garcia de Guilhade</p>	<p>Ai dona fea, fostes-vos queixar que vos nunca louv'en[o] meu cantar; mais ora quero fazer um cantar em que vos loarei todavia; e vedes como vos quero loar: dona fea, <b>velha</b> e sandia!</p> <p>Dona fea, se Deus mi perdom, pois havedes [a]tam gram coração que vos eu loe, em esta razom vos quero já loar todavia; e vedes qual será a loaçom: dona fea, <b>velha</b> e sandia!</p> <p>Dona fea, nunca vos eu loei em meu trobar, pero muito trobei; mais ora já um bom cantar farei em que vos loarei todavia; e direi-vos como vos loarei: dona fea, <b>velha</b> e sandia!</p>
<p>Traj'agora Marinha Sabugal,</p>	<p>Afonso Anes do Cotom</p>	<p>Traj'agora Marinha Sabugal ùa <b>velha</b> que adusse de sa terra, a que quer bem, e ela lhi quer mal; e faz-lh[e] algo, pero que lh[e] erra; mais ora quer ir moiros guerreiar, e quer consig[o] a <b>velha</b> levar mais a <b>velha</b> nom é doita da guerra.</p> <p>Muit'a mando[u] e p.....</p>
<p>Dom Foam disse que partir queria,</p>	<p>João Garcia de Guilhade</p>	<p>Dom Foam disse que partir queria quanto lhi derom e o que havia. E dixi-lh'eu, que o bem conhocia: "Castanhas eixidas, e <b>velhas</b> per souto" [...]</p>
<p>Elvir', a capa velha dest'aqui,</p>	<p>Pedro Amigo de Sevilha</p>	<p>Elvir', a capa <b>velha</b> dest'aqui, que te vendess'um judeu corretor, e ficou contig'outra mui peior, Elvir', a capa <b>velha</b>, que t'eu vi; <b>5</b> ca, queres sempre por dinheiros dar a melhor capa e queres leixar a capa <b>velha</b>, Elvira, pera ti.</p>

		<p>Por que te fiqu', assi Deus ti perdom, a capa <b>velh'</b>, Elvira, que trager<sup>24</sup> <b>10</b> nom quer nulh'home mais, dás a vender melhor capa <b>velha</b> doutra sazom. Elvira, nunc'a ti capa darám, ca ficas, destas capas que ti dam, com as mais usadas no cabeçom.</p> <p><b>15</b> E a capa, <b>velh'</b>Elvira, mi pesou, porque nom é já pera cas d'el-rei a capa <b>velh'</b>, Elvira, que eu sei muit'usa[da] que contigo ficou: ca pera corte sei que nom val rem <b>20</b> a capa, <b>velh'</b>Elvira, que já tem pouco cabelo, tam muito s'usou.</p>
Maria Balteira, que se queria,	Pedro Amigo de Sevilha	<p>E dixi-lh'eu: - Pois aguiro catades, das aves vos ar convém a saber vós, que tam longa carreira filhades. Diss'ela: - Esso vos quer'eu dizer. hei ferivelha semp[r[e]] ao sair. E dixi-lh'eu: - Bem podeades vós ir com ferivelha, mais nunca tornades.</p>
Meus amigos, tam desaventurado,	Pedro Amigo de Sevilha	<p>Meus amigos, tam desaventurado me fez Deus, que nom sei hoj'eu quem fosse no mund'em peor ponto nado, pois ùa dona [mi] fez querer gram bem, fea e <b>velha</b>, nunca eu vi tanto; e esta dona puta é já quanto, por que eu moir', amigos, mal pecado.</p>
Maria Negra des[a]ventuirada!,	Pero Garcia Buralês	<p>[...] Muit'é pera ventuira menguada, de tantas pissas no ano perder, que compra caras, pois lhe vam morrer; e est'é pola casa molhada em que as mete, na estrabaria; [e] pois lhe morrem, a <b>velha</b> sandia per pissas será em terra deitada.</p>
O meu senhor o bispo, na Redondela, um dia,	Airas Nunes	<p>Ali me desbulharom do tabardo e dos panos e nom houverom vergonha dos meus cabelos canos, nem me derom por ende grã[a]s nem adianos: leixarom-me qual fui nado no meio da rua; e um rapaz tinhoso, que há de par em 'strua, chamava-mi "minhana, <b>velha</b> fududancua!"</p>

<sup>24</sup> O uso de **velh'**, entre o vocábulo *capa* e o nome da soldadeira, permite cogitar um duplo sentido, “a capa **velh'**, Elvira”, ora velha sendo a capa, ora sendo Elvira. O fato de ser um texto que, na época em que foi escrito era transmitido, sobretudo, de forma oral, nos leva a crer que a entonação utilizada pelo cantador tenderia para um ou outro sentido.

Ora vej'eu que est aventurado,	Pero Garcia de Ambroa	Ora vej'eu que est aventurado já Pedr'Amigo e que lhi fez Deus bem, ca nom desejou do mund'outra rem senom aquesto que há já cobrad: ũa ermida <b>velha</b> que achou; e entrou dentr'; e pois que i entrou, de sair dela sol nom é pensado.
Se eu no mundo fiz algum cantar,	Pero Garcia de Ambroa	[...] Mais eu me matei, que fui começar com dona atam <b>velha</b> [e] sabedor; pero conorto m'hei [e] gram sabor de que a veerei cedo pobr'andar: ca o que gaanhou em cas d'el-rei, andand'i pedind', e o que lh'eu dei, todo lho faz o clérigo peitar.  Mais quem lhi cuida nunca rem a dar assi s'ach'en com[o] eu ou peor! E poila <b>velha</b> puta probe for, non'a querrá pois nulh'home catar, e será dela como vos direi: demo lev'a guar[i]da que lh'eu sei, ergo se guarir per alcaiotar.
Par Deus, amigos, gram torto tomei,	João Baveca	Par Deus, amigos, gram torto tomei e de logar onde m'eu nom cuidei: estand'ali ant'a porta d'el-rei preguntando por novas da fronteira, por ãa <b>velha</b> que eu deostei, deostou-m'ora Maria Balteira.  Veed'ora se me devo queixar deste preito, ca nom pode provar que me lhe oísse nulh'homem chamar senom seu nome, per nulha maneira; e pola <b>velha</b> que foi deostar, deostou-m'ora Maria Balteira.  Muito vos deve de sobérvia tal pesar, amigos, e direi-vos al; sei mui bem que [se] lh'est[o] a bem sal, todos iremos per ãa carreira; ca, porque dixे d'ũa <b>velha</b> mal, deostou-m'ora Maria Balteira.
Um escudeiro vi hoj'arrufado,	João Baveca	E o mouro foi log'ali chegado, e cuidou-s'ela que el pagaria dívida <b>velha</b> que ela devia; mais diss'o mouro: - Sol nom é pensado que vós paguedes rem do meu haver, meos d'eu carta sobre vós fazer, ca um judeu havedes enganado.
- Õa pergunta quer'a el- rei fazer,	Garcia Peres	- Õa pergunta quer'a el-rei fazer, que se sol bem e aposto vestir: porque foi el pena veira trager



		<p><b>velha</b> 'm bom pan'? E queremos riir  <b>5</b> eu e Gonçalo Martins, que é  home muit'aposto, per bõa fé,  e ar querê-lo-emos en cousir.</p> <p>- Garcia Pérez, vós bem cousecer  podedes: nunca, de pram, foi falir  <b>10</b> em querer eu pena veira trager  <b>velha</b> em corte, nen'a sol cobrir;  pero, de tanto, bem a salvarei:  nunca me dela em corte paguei,  mais estas guerras nos fazem bulir.  [...]</p>
--	--	---

(Fonte: própria autora)

O conceito de velha é utilizado como uma especificação do conceito de mulher. Uma figura caricata, como se a condição da *velhice* apagasse todos os outros atributos do ser humano descrito e acrescentasse outros tais como descrito no tópico (3.2) deste estudo, relativo aos MCIs da *velhice*.

João Vasques de Talaveira, em sua *cantiga Maria Leve, u se maenfestava*<sup>25</sup>, anteriormente analisada, por registrar a metáfora VELHICE É PECADO, conta o desespero de uma mulher que vai se confessar ao capelão, a mulher em questão é uma pecadora, mas o seu pecado maior é o de ser velha, como já salientamos.

Os velhos devem ser sóbrios, honrados, castos, saudáveis na fé, no amor e na paciência". Os conselhos de Paulo aos velhos tinham aparentemente, desde o início, uma conexão com a salvação da alma. E todo caso, na exegese essa conexão fica a princípio em segundo plano. Jerônimo e outros interpretam a prescrição como se ela pretendesse afirmar uma *dignitas* terrena, uma dignidade na velhice. Podem se ver aí consequências de uma concepção da antiguidade pagã sobre a moderação. **Somente entre as mulheres velhas, Tito 2,3 (elas não devem beber vinho em demasia), produz-se desde o princípio a consciência de que a velhice contém uma inclinação natural para o pecado: "como o fogo sensível do corpo se esfria, elas se abandonam ao vinho por lascívia",** escreve Jerônimo. **Todavia, a mulher em geral é a encarnação do pecado.** (SPRANDEL, 1986, p.114, grifos nossos)

Como discutimos no tópico (3.2.1) deste estudo, a *velhice* que, no texto analisado, foi conceptualizada como pecado. Ao consultar estudos de caráter sócio-histórico, percebemos que outros estudiosos constataram, a exemplo de Sprandel (1986) antes citado, que a relação pecado/velhice é, ainda, mais significativa, para a

<sup>25</sup> Apesar desta cantiga não registrar o vocábulo 'velha', a acrescentamos porque o tema principal dela é a velhice de Maria Leve e seus pecados.

mulher, sobretudo, por influência da figura bíblica de Eva como ícone do “pecado original”.

Já nas ocorrências de velho, todas (10) aparecem como adjetivo qualificando armas, roupas, acessórios, animais ou posses. Não se registra velho em forma substantivada, nem como especificação do conceito de homem como ocorre com a mulher.

Tabela 13: Contextos da ocorrência de velho

CANTIGA	AUTOR	CONTEXTO
Fernand'Escalho leixei mal doente	Pero Garcia Buralês	<p>[...]</p> <p>E o maestre lhi disse: - Dormistes com aquest'olho mao; e por en, <b>10</b> Dom Fernando, nom sei se vó'lo oístes: "quem se nom guarda, non'o preçam rem"; por en vos quer'eu ãa rem dizer já: se guarides, maravilha será, deste olho mao <b>velho</b> que teedes.</p> <p><b>15</b> Ca conhosc'eu mui bem que vós havedes olho mao, mesto com cadarrom; e deste mal guarecer nom podedes tam ced', e direi-vos por que nom: ca vós queredes foder e dormir; <b>20</b> por esto sodes mao de guarir dest'olho mao <b>velho</b> que havedes.</p>
Marinha Crespa, sabedes filhar	Pero da Ponte	<p>Marinha Crespa, sabedes filhar eno paaço sempr'um tal logar, em que ham todos mui bem a pensar de vós; e por en diz o verv'antigo: <b>5</b> "a boi <b>velho</b> nom lhi busques abrigo."</p> <p>E no inverno sabedes prender logar cabo do fogo, ao comer, ca nom sabedes que x'há de seer de vós; e por en diz o verv'antigo: <b>10</b> "a boi <b>velho</b> nom lhi busques abrigo."</p> <p>E no abril, quando gram vento faz, o abrigo éste vosso solaz, u fazedes come boi, quando jaz eno bom prad'; e diz o verv'antigo: <b>15</b> "a boi <b>velho</b> nom lhi busques abrigo."</p>
Por en Tareija Lópiz nom quer Pero Marinho:	Afonso Soares Sarraça	<p>[...]</p> <p>Nom casará com ele pola cobrir d'alfolas, nem polos seus dinheiros <b>velhos</b> que tem nas olas;</p> <p><b>10</b> o que perdeu nos alhos quer cobrar nas cebolas.</p> <p>Por en Tareija Lópiz nom quer Pero Marinho: pero x'el é mancebo, quer-x'ela mais menino.</p>

		[...]
Sedia-xi Dom Belpelho em ùa sa maison	Afonso Lopes de Baião	<p>Sedia-xi Dom Belpelho em ùa sa maison que chamam Longos, [d]ond'eles todos som. Per porta lh'entra Martim de Farazom, escud'a colo em que sev'um capom, <b>5</b> que foi já poleir'em outra sazom, caval'agudo, que semelha forom; em cima del um <b>velho</b> selegom, sem estrebeiras e com roto bardom; nem porta loriga nem porta lorigom, <b>10</b> nem geolheiras, quaes de ferro som, mais trax perponto roto sem algodom e coberturas d'um <b>velho</b> zarelhom; lança de pinh'e de bragal o pendom, chapel de ferro, que xi lhi mui mal pom, <b>15</b> e sobarcad'um <b>velh'</b>espadarrom, cuitel cacha[d]o, cinta sem farcilhom, duas esporas destrás, ca seestras nom som, maça de fuste, que lhi pende do Arcom. A Dom Belpelho moveu esta razom: <b>20</b> - Ai, meu senhor, assi Deus vos perdom, u é Joam Aranha, o vosso companhom e voss'alférez, que vos tem o pendom? Se é aqui, saia desta Maison, ca já outros todos em Basto som. <b>25</b> Eoi!</p> <p>Estas horas chega Joam de Froiam, cavalo <b>velho</b>, caçurr'e alaxam, sinaes porta eno arçom d'avam: campo verde, u inqueire o cam, <b>30</b> e no escudo ataes lh'acharám; ceram'e cint'e calças de Roam, sa catadura semelh'a d'um jaiam. Ante Dom Belpelho se vai aparelhan e diz: - Senhor, nom valredes um pam <b>35</b> se os que som em Basto se xi vos assi vam; mais id'a eles, ca xe vos nom iram: achá-los-edes [e] escarmentaram. Vingad'a casa em que vos mejad'ham, que digam todos quantos pós vós verram <b>40</b> que tal conselho deu Joam de Froiam. Eoi! [...]</p>

(Fonte: própria autora)

É nítido que o “peso” da *velhice* tem medidas diferentes para o homem e para a mulher. Ainda quando satirizados e escarnecidos, os homens o são por motivos outros como: avareza, mesquinhez, soberba etc., excetuando a cantiga *Martim Alvelo* de João Soares Coelho, na qual o tema principal é a *velhice* de Martim. Não se pode desconsiderar a diferença numérica dos resultados e pode haver outras conceptualizações por trás destes números.

As mulheres, nestas cantigas, são escarneadas, quase sempre, pelo seu estado de *velhice* e mesmo quando o é por outros motivos o seu estado de “*velhice*” é evidenciado. Estado este que carrega consigo uma série de outras conceptualizações relacionadas, àquela época, à idade, como a ideia de maus costumes, feitiçaria, alcovitagem etc.

Candice Quinelato Baptista Cerchiari (2009), em sua dissertação de mestrado, versa sobre esta questão de gênero, de modo a afirmar que:

As cantigas apresentam claramente o adjetivo *velha* como insulto. Os homens velhos, por sua vez, eram associados à conservação da memória dos ancestrais obtendo valor social como conselheiros das gerações mais jovens. Já as anciãs inspiravam expectativas distintas: de um lado se prudentes virtuosas, podem servir de exemplo às outras mulheres, além de ensinar e corrigir as mais jovens. Por outro, as mulheres mais idosas e de comportamento livre eram consideradas pecaminosas. (CERCHIARI, 2009, p. 105).

A partir deste trecho do estudo de Cerchiari (2009), podemos perceber que há Modelos Cognitivos Idealizados distintos para a *velhice* feminina e masculina. É válido ressaltar que a afirmação feita pela autora abrange um *corpus* maior do que o utilizado, aqui, e que, as conceptualizações da *velhice* masculina a que ela se refere não são registradas no nosso *corpus*, devido à natureza dele, de sátira e jocosidade.

Este Modelo Cognitivo Idealizado da *velhice* feminina, talvez, esteja atrelado ao “papel” da mulher na sociedade medieval que era o de mãe, esposa servil, senhora pura e casta, grandemente, cerceado pelos ideais cristãos impostos pela igreja católica, tendo como referente à Virgem Maria, “a mãe ideal”. Para a mulher que não cumpria a sua sina do matrimônio, restava o convento, ou a prostituição, ou abandono, ou também a ridicularização da sua aparência e da sua sexualidade, visto que, ao chegar à idade avançada, não estava mais “apta” ao matrimônio. Por outro lado, senhoras casadas e ricas que também não se encaixavam perfeitamente no molde social grandemente difundido pela igreja, também, eram satirizadas e cantadas nos versos dos trovadores. A ideia de beleza está intimamente relacionada com a questão comportamental. Segundo Cerchiari (2009, p. 106):

Nas cantigas satíricas, a mácula da *velhice* normalmente está acompanhada pela fealdade. Durante a idade média, a vituperação

da mulher feia é comum, pois denuncia a associação entre a feiura externa da mulher com as imperfeições e a malícia de sua alma.

Estes fragmentos analisados e os números apresentados demonstram como a *velhice* é compreendida de forma diferente se vivenciada pelo homem ou pela mulher. Questões sociais estão imbricadas, nestas conceptualizações, e, sabendo que a literatura é um reflexo direto do social (ou seria o contrário?), podemos inferir que a *velhice* feminina era um atenuante negativo, além de todos os outros motivos sustentados em ideias misóginas e/ou religiosas, em relação ao homem por sua condição de idade, de forma a conceptualizar esta fase da vida para a mulher como algo ruim, prejudicial, feio e imoral. Ortega et al. (2002, p. 42) sintetizam esta ideia no trecho a seguir:

No obstante, a fines de la Edad Media se mantiene la imagen negativa de la vejez, y tanto la novela como la poesía se prestan a desprestigiarla. Esto es especialmente importante para las mujeres. La mujer anciana, sola y pobre, se encuentra en el punto más bajo de la escala social y su equiparación con las fuerzas del mal es un rasgo característico del arte religioso de los siglos XIV y XV<sup>26</sup>.

Apesar dos homens, também, se tornarem velhos um dia, não se versa largamente sobre a sua condição de *velhice*, pois isto não era fator importante para o seu “caráter” ou condição social ou ainda a possibilidade de casar-se, posto que, nessa época, os matrimônios eram mais assemelhados a negócios familiares e comerciais do que ao ideal romântico.

A figura da velha é um importante personagem das cantigas, pois resume, de forma caricata, alguns dos comportamentos preteridos da sociedade galego-portuguesa de então. No que tange ao *corpus* analisado, a conceptualização da *velhice* feminina é muito mais produtiva do que a *velhice* masculina. Importante, ainda, é o fato de, em nenhuma cantiga analisada, aparecer a substantivação de velho como o homem em si, estando as ocorrências em condição adjetival e relacionadas majoritariamente a objetos, coisas, animais, fatos e não a uma pessoa.

---

<sup>26</sup> Não obstante, em fins da Idad de Média se mantém a imagem negativa da velhice, e tanto o romance como a poesia se prestam a desprestigiar-la. Isto é especialmente importante para as mulheres. A mulher velha, só e pobre, se encontra no ponto mais baixo da escala social, e sua equiparação com as forças do mal é um traço característico da arte religiosa dos séculos XIV e XV. (Tradução nossa).

O que é, talvez, um indício de que a *velhice* masculina não era um objeto de troça recorrente, sendo, com base nas ocorrências encontradas, os temas da avareza e condições sociais mais comuns a estes indivíduos.

Já a conceptualização da mulher é exatamente o oposto tanto numericamente quanto qualitativamente. As ocorrências encontradas são majoritariamente substantivadas, caracterizando não uma qualidade da mulher descrita, mas a existência de um ser caricato com cara, jeito e características próprias. Poucos são os exemplos em que *velha* refere-se a um objeto ou coisa e mesmo quando isso ocorre pode, ainda, aparecer com sentido dúbio e/ou relacionado à mulher como no caso do trecho da cantiga *Elvir', a capa velha dest'aqui*, de Pedro Amigo de Sevilha em que a palavra *velha* pode estar relacionada tanto a Elvira quanto à capa conforme já aclaramos no tópico (3.2.6).

A conceptualização da mulher, na literatura satírica galego-portuguesa, ainda, carece de ser estudada a fundo e de diversas óticas, apesar dos esforços que têm sido empreendidos, como a publicação de estudos seminais como o de Rodrigues Lapa (1970) e José Mattoso (1986). Porém, poucos são os estudos que se interessam pela condição da mulher, neste período, no que diz respeito à representação literária, pelo menos em língua portuguesa. A consideração deste atenuante de gênero encontrado no *corpus* é uma tentativa de fustigar outros estudos, que analisem a delicada situação da mulher no referido período, já que a nuance de gênero encontrada foi uma surpresa no *corpus* estudado e carece de um estudo amplo e multifacetado para entender todos os aspectos socioculturais que culminam nesta conceptualização da *velha* medieval.

#### **4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

As hipóteses a princípio formuladas, a saber: (1) há oposição nas conceptualizações da *velhice* no período arcaico da língua, ora positivas, ora negativas; (2) devido à natureza do *corpus*, provavelmente, só serão encontradas conceptualizações “negativas” ou jocosas; (3) os modelos cognitivos idealizados de *velhice* estão, diretamente, ligados a aspectos sociais, religiosos e culturais da época, foram ratificadas.

No caso da hipótese (1) pudemos constatar, através de leituras apropriadas, que sim, que há dualidade nas conceptualizações da *velhice*. As conceptualizações positivas, entretanto, não aparecem, no nosso *corpus*, como de fato previmos na hipótese (2). Através de leituras interdisciplinares, foi possível corroborar a hipótese (3), pois vimos que a maioria das metáforas apresenta motivações de cunho social e, sobretudo, religioso.

É curioso pensar que o espaço das cantigas satíricas não apresenta sinais de conceptualizações positivas da *velhice*, posto que, segundo alguns dos estudiosos consultados, elas de fato existiam. Como podemos ver em Sprandel (1986, p. 112)

Desde antiguidade, existia uma dupla tradição de escritos: os de consolo sobre a velhice, aos quais pertence o *De Senectute*, de Cícero, e os de censura e queixa, aos quais pertence um dos capítulos da Retórica de Aristóteles.

Ao todo, foram encontradas cinco Metáforas Conceptuais no *corpus* e dois Modelos Cognitivos Idealizados, embora, algumas outras metáforas tenham sido cogitadas por nós, mas, por falta de elementos linguísticos suficientes no contexto para poder fundamentá-las, resolvemos não incluí-las nos resultados.

Constatou-se, também, que a crença de que o domínio-alvo é, geralmente, mais abstrato que o domínio-fonte não é uma regra, visto que encontramos conceptualizações com motivações: concreto > concreto (VELHICE É DOENÇA, VELHICE É ALGO PESSOA RUIM e VELHICE É ALGO/ALGUÉM GASTO/ESTRAGADO) e concreto > abstrato (VELHICE É PECADO, VELHICE É PERDIÇÃO).

Podemos dizer que os conceitos de doença e organismo vivo são substancialmente concretos, visto que são experienciados pelo ser humano em sua condição de organismo vivo sujeito a alterações em seu estado de saúde. O homem cresce e, ao longo deste crescimento, pode sofrer com doenças que podem levá-lo a morrer.

Já o pecado é um conceito mais abstrato, não é algo, fisicamente, motivado. É um conceito religioso e doutrinário de obediência/recompensa, desobediência/punição, através da providência divina. Cabe ressaltar que tanto a doença quanto o pecado levariam o ser humano, provavelmente, à morte: a doença, se não curada, o pecado, se não perdoado e a *velhice* levaria, impreterivelmente, à morte, já que é considerada, (*a velhice*), o último estágio da vida antes do seu fim.

Na cantiga *Martim Alvelo*, um homem tenta a todo custo esconder a sua condição de velho, o que não é possível devido ao seu estado crescente de *velhice*. Ele o faz com intenção de atrair possíveis parceiras sexuais, porque a sua aparência de velho causaria repulsa nas mulheres, assim como poderia causar uma doença ou o status social de “pecador” (este último considerando o caráter altamente religioso da época referida).

Foi constatado que, nos textos analisados, a *velhice* é uma condição preterida. Vale ressaltar que, das cinco conceptualizações da *velhice* aqui apontadas, quatro são negativas, resultando, principalmente, da natureza dos textos que tem como finalidade principal escarnecer e criticar os indivíduos sobre quem se canta. E mesmo na cantiga em que a metáfora realizada não é marcada negativamente (VELHICE É ORGANISMO VIVO), o tema em si é o de escárnio da *velhice* de alguém.

Cada metáfora realizada apresenta mapeamentos metafóricos, características que se transferem do domínio-fonte ao domínio-alvo, conforme esquematizamos a seguir.



**Metáfora:** VELHICE É PECADO

**Domínio-fonte:** Pecado

**Domínio-alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** Maria Leve, u se **maenfestava**; direi-vos ora o que **confessava**.

**Mapeamento metafórico:** Pecador > Velho; Consequência do pecado > Morte; Consequência da *velhice* > Morte.

**Metáfora:** VELHICE É PERDIÇÃO

**Domínio-fonte:** Perdição

**Domínio-alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** pero direi-vos per que [som] **perduda**: são velh', ai capelam!

**Mapeamento metafórico:** Pessoa velha > mais suscetível à perdição, distanciamento da “graça divina”; Consequência da Perdição > Morte, impossibilidade de salvação da alma; Perdição > Pecado muito grave, ausência ou impossibilidade de “perdão”.

**Metáfora:** VELHICE É DOENÇA

**Domínio-fonte:** Doença

**Domínio-alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** Orraca López vi **doente** um dia; e perguntei-a se **guareceria**; - São velha e cuid'a **guarecer**; ca i mais vej'eu das velhas **morrer**; quanto vos **Deus quiser leixar viver**.

**Mapeamento metafórico:** *Velhice* > Morte iminente; Doença > Morte iminente; Cura > para ambas poderia ser concedida ou infringida por Deus.

**Metáfora:** VELHICE É ORGANISMO VIVO

**Domínio-fonte:** Pecado

**Domínio-alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** ca a velhece, pois **crece**, sol nom **quer** sandece; aquestes enganos per rem nõn'os **quer** (*a velhice*).

**Mapeamento metafórico:** *Velhice* > Desenvolve ações [+humanas] como querer e crescer.

**Metáfora:** VELHICE É ALGO/PESSOA RUIM

**Domínio-fonte:** Pecado

**Domínio-alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** ca **me buscades vós mal** cada dia; ca nunca velha fududancua vi, **que me nom buscasse mal**, se podesse; nêum torto **se me gram mal queredes**; se eu velha fududancua sei, hoje no mundo **a que gram mal nom queira**; E se me **gram mal queredes**, covilheira.

**Mapeamento metafórico:** Consequências de ambos (*velhice* e ruindade) > ofensas, injúrias, malquerer.

**Metáfora:** VELHICE É ALGO/PESSOA GASTO/ESTRAGADO

**Domínio fonte:** Algo gasto

**Domínio alvo:** *Velhice*

**Expressões metafóricas:** **nom quer nulh'home mais**, dás a vender; E a capa, velh'Elvira, **mi pesou**, porque **nom é já pera cas d'el-rei**; ca pera corte **sei que nom val rem**; (...) **bota[de-a] log'em** um muradal, **ca peor pena nunca desta vi**; pois que me **vós conselhades deitar** (jogar fora).

**Mapeamento metafórico:** Muito tempo de uso; Má conservação; passível de ser trocado por outro de mais valor, passível de ser “jogado fora”.

Estudar a *velhice* em uma perspectiva histórica é um desafio, independente da área do saber humano que o faz. É certo que os relatos históricos são escassos, uma vez que o tema da *velhice* foi desinteressante para as sociedades, durante séculos. De acordo com Rodrigues e Terra (2006):

É muito interessante o estudo social da velhice. Mas, é algo que demanda muito tempo. E isto porque é difícil compreender a realidade e a significação da velhice, sem que se examine o lugar, a posição destinada aos velhos e as representações que se fazem sobre eles em diferentes tempos e em diferentes lugares. Isto nos leva a questionar o seguinte: em que medida a sociedade é responsável ao pelo significado atribuído aos velhos? Até que ponto a velhice é um fato cultural e não, apenas, biológico? (RODRIGUES; TERRA, 2006, p.17).

Os autores antes citados são médicos gerontólogos que desenvolveram um estudo histórico sobre a medicina e o cuidado de idosos. Cabe evidenciar que, apesar de ser uma fala muito pertinente, para adequação à nossa linha teórica, o termo ‘representação’ poderia ser substituído por ‘conceptualização’. E ainda, a *velhice* é para nós, sem dúvida, não só um fato cultural, mas também biológico, social e histórico.

O estado de *velhice* humana pressupõe alterações biológicas, mas está, também, intimamente relacionado a determinantes sociais que acarretam diferenças sobre as concepções de *velhice* de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de época para época. Portanto, fica evidente a impossibilidade de se pensarem as conceptualizações da *velhice* fora de um contexto histórico determinado e uma aproximação social e histórica da sociedade que produziu tais sentidos.

A própria definição de *velhice* pode variar, de acordo com a área de conhecimento que se propõe a defini-la; os estudos são produzidos permeando noções diversas, como a da *velhice* como declínio e doença, ou como fase natural

do desenvolvimento humano, ou, ainda, como conceito construído na cultura, como é o caso do nosso estudo. (NERI, CACHIONI e RESENDE, 2002)<sup>27</sup> afirmam que:

A velhice é um conceito historicamente construído que se inscreve na dinâmica das atitudes, das crenças e dos valores da sociedade. A marca social da velhice é estar em oposição à juventude, motivo pelo qual é recorrente a oscilação entre a idealização e a depreciação do idoso. Os estereótipos – que são crenças generalizadas sobre os atributos ou características que definem um determinado grupo social, como, por exemplo, o dos idosos – são transmitidos pela educação e associam-se a práticas sociais discriminativas.

É válido ressaltar, também, que algumas das metáforas apresentam algum tipo de relação (geralmente, a motivação religiosa), não raro é possível encontrar no mesmo contexto referência a mais de uma conceptualização apresentada, aqui. É o caso, por exemplo, da relação *velhice/pecado/feiura* e da relação *velhice/pecado/doença* como podemos ver no tratado histórico de Kortüm (1996) sobre a relação do homem medieval com a morte.

Denn aus drei Ursachen wird der Leib von Krankheiten befallen: aus einer Sünde, aus einer Bewährungsprobe und aus einer Leidensanfälligkeit. Nur dieser letzteren kann menschliche Heilkunst abhelfen, jenen aber einzig und allein die Liebe der göttlichen Barmherzigkeit<sup>28</sup>. (KORTÜM, 1996, p.6).

Este estudo pretende ser uma contribuição para a reconstituição histórica da língua portuguesa, sobretudo, no que diz respeito a fenômenos semântico-cognitivos.

Outras possíveis conceptualizações da *velhice* na Idade Média devem existir, em outros textos, em outros *corpora*, ou, até mesmo nos textos, aqui, analisados. O que está escrito nas entrelinhas dos nossos registros históricos pode ser, às vezes, mais acessível aos olhos de uns que de outros. Ajudam, neste processo, fatores como: prática de leitura e releitura, dedicação, experiência e amor ao seu objeto de estudo, idiossincrasias que nós, sem dúvidas, adquirimos e lapidamos, durante a feitura deste estudo.

---

<sup>27</sup> Artigo disponível na internet.

<sup>28</sup> Por causa de três causas o corpo é atacado por doenças: uma devido ao pecado, uma devido à provação e uma devido à susceptibilidade a doenças. Apenas este último pode a arte da cura humana remediar, mas a esses somente o amor da misericórdia divina. (Tradução nossa).

As outras conceptualizações da *velhice* serão, quiçá, averiguadas por nós ou por outros estudiosos que, por ventura, se interessem por este assunto. E estas aqui elencadas serão, sem dúvidas, expandidas e revisitadas.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital Ltda, 2004-2016. Disponível em : <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em 13 dez. 2014.

ARAGÃO, Ludmila. **O Tema da Velha nas cantigas d'escárnio e maldizer**. Revista da Faculdade de Letras, Porto, XX, p. 357-379, 2003. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3954.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2015.

BARBIERI, Natália Alves. **Velhice: melhor idade?** Disponível em: <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/90/17.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/17.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2014.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

CERCHIARI, Candice Quinelato Baptista. **Fea, velha, sandia: imagens da mulher nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas**. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2009. USP

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim. **Envelhecimento e Cultura: As perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Márquez**. Dissertação de Mestrado. Brasília, 2008.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: Ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERREIRO, Manuel (dir.) (2014-): **Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa**. Universidade da Coruña. Disponível em: <<http://glossa.gal>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

GRADY, John. **Foundations os meaning: primary methaphors and primary scenes**. PhD Dissertation. University of Califórnia, Berkeley, 1997.

HILÁRIO, Franco Júnior. **A Idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HOMET, Raquel. **Los viejos y la vejez en la Edad Media. Sociedad e imaginario**. Rosario, Pontificia Universidad Católica Argentina\Faculdade de Derecho y Ciencias Sociales del Rosario, 1997, p. 228.

JOHNSON, Mark. **The meaning of the body: aesthetics of human understanding**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **The Body in the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KORTÜM, Hans-Henning. **Menschen und Mentalitäten: Einführung in Vorstellungswelten des Mittelalters**. Berlin: Akademie Verlag, 1996. p. 244-268.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. (2002 [1980]). **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação da trad. Maria Sophia Zanotto. São Paulo: EDUC Campinas, Mercado das Letras. Título original *Metaphors we live by*, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, London, The University of Chicago, 1987.

LAKOFF, George. & JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York, Basic Books, 1999.

LE GOFF, Jacques; *et al.* **O Homem Medieval**. Editorial presença: Lisboa, 1989.

LINS, Daniel Soares. **Sociologia e Antropologia do Envelhecimento**. In. Apostila do Curso de Especialização em Gerontologia. Ceará: 2002.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011), **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>. Acesso em 13 ago. 2014.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da linguística histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Novos indicadores para os limites do Português Arcaico.** Revista da ABRALIN, vol. III, no 1e 2, p. 259 – 268, 2004. Disponível em: <[http://www.abralin.org/revista/RV3N1\\_2/artigo10/RV3N1\\_2\\_art10.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV3N1_2/artigo10/RV3N1_2_art10.pdf)> Acesso em: 13 dez. 2015

\_\_\_\_\_. **O Português Arcaico: fonologia.** Bahia: Contexto, 1991.

MICHÄELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos Ltda, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

MONMA, Viviane Porto dos Reis Dias. **Crenças sobre o idoso, a velhice e o envelhecimento na visão de estudantes de psicologia.** In. III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia. São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://geracoes.org.br/novo\\_site/wp-content/uploads/2013/08/Crencas-sobre-o-idoso-a-velhice-e-o-envelhecimento-na-visao-de-estudantes-de-psicologia.pdf](http://geracoes.org.br/novo_site/wp-content/uploads/2013/08/Crencas-sobre-o-idoso-a-velhice-e-o-envelhecimento-na-visao-de-estudantes-de-psicologia.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2015.

NERI, A. L.; CACHIONI, M.; RESENDE, M. C. **Atitudes em relação à velhice.** In E. V. Freitas, L. Py, A. L. Néri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, S. M. Rocha (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia** (pp.972–980). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000108&pid=S0103-166X200600020000300032&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000108&pid=S0103-166X200600020000300032&lng=en)>. Acesso em: 13 mar. 2016.

OLIVEIRA, Valeria silva de. **Um inimigo contemporâneo chamado velhice: análise do discurso metafórico.** Revista práticas de linguagem. v. 2, n. 1, jan./ jun. 2012.

RODRIGUES, Nara Costa; TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia social para leigos.** EDIPUCRS: Porto Alegre, 2006. 1ª edição.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionario da lingua portugueza - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 19 mar. 2016.



SPRANDEL, Rolf. **A velhice e o medo da morte de acordo com a exegese bíblica da alta Idade Média.** (1986 [1982]) In: BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (orgs.). **A Morte na Idade Média.** Tradução de Heitor Megale, Yara Frateschi vieira, Maria Clara Cescato. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 107-116

SORIANO, Cristina. **La metáfora conceptual.** In: I. Ibarretxe-Antuñano y J. Valenzuela (coords.). **Lingüística Cognitiva.** Barcelona: Anthropos. Disponível em: [http://www.unmsm.edu.pe/ceupseducacion/distancia\\_archivos/Ibarretxe-valenzuela-LC\\_CAP\\_2.3.pdf](http://www.unmsm.edu.pe/ceupseducacion/distancia_archivos/Ibarretxe-valenzuela-LC_CAP_2.3.pdf). Acesso em 10 ago. 2015.

ORTEGA, Mari Paz Martínez; LUQUE, María Luz Polo; FERNÁNDEZ, Beatriz Carrasco. **Visión Histórica del Concepto de Vejez Desde La Edad Media.** Cultura de los Cuidados, Ano VI, N.º 11, 2002. Disponível em: <[http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4889/1/CC\\_11\\_08.pdf](http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4889/1/CC_11_08.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2016.

VIANA, Caroline de Souza. **As conceptualizações da mulher em cantigas medievais galego-portuguesas: a figura da velha.** (No prelo)